

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

ANNA THEOTONIA DE OLIVEIRA DIAS SIMÃO

TATI VIVE:  
Os sentidos de comunidade e de morar para participantes do projeto de moradia popular  
Orquídea Libertária.

Porto Alegre

2017

Anna Theotonia de Oliveira Dias Simão

TATI VIVE:

Os sentidos de comunidade e de morar para participantes do projeto de moradia popular  
Orquídea Libertária.

Trabalho de conclusão de curso de graduação  
apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências  
Humanas da Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul como requisito parcial para a  
obtenção do título de Licenciatura em  
Sociologia.

Área de habilitação: Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Evandro Alves

Porto Alegre

2017

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha filha Agatha, a meus sobrinhos-afilhados Mel, Rastafah e Joshua e a meu sobrinho-neto Vicente, por inspirarem as mais intensas reflexões sobre educação.

À Minha mãe Zara e minha família por sempre cuidarem da Agatha para que eu pudesse estudar, o apoio de vocês foi fundamental.

Às minhas amigas-irmãs Beta e Maíne por compartilhar a vida com todos seus momentos, de alegrias a intempéries.

Ao professor Evandro Alves, que aceitou embarcar nessa aventura de aprendizados, que esse processo desencadeou.

Ao professor Rafael Arenhaldt por aceitar compor a avaliação, contribuindo nesse processo.

À Comunidade Utopia e Luta, que me despertou a consciência do ser coletivo.

Aos companheiros da Orquídea Libertária pelo processo coletivo de pesquisação na qual estamos imersos, aos entrevistados e em especial a Maria e o Carlinhos, que se mantiveram firmes na caminhada.

Ao companheiro Eduardo Solari, com quem muito tenho aprendido e que me proporciona infinitas reflexões.

Aos compas Everton e João (*in memorian*), que nos deixaram durante essa jornada, seguiremos lutando, *hasta siempre* companheiros.

À Tatiana Aparecida Zomer (*in memorian*), catadora vítima de violência doméstica. Este trabalho lhe rende homenagem, pondo seu nome como título.

O nome Orquídea Libertária também é em homenagem à Tatiana. Este trabalho, a ser registrado e catalogado como um trabalho acadêmico, também é uma forma de fazer Tatiana viver.

“A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.”

Eduardo Galeano citando Fernando Birri

“Las hormiguitas nunca se pierden  
Porque su viaje es circular,  
Es tan redondo como los ojos  
De un ser humano al despertar,  
Es tan redondo como el planeta  
Que vamos juntos a liberar.”

Daniel Viglietti

“Al que se va por el mundo  
Suele sucederle así  
Que el corazón va con uno  
Y uno tiene que sufrir  
Y el árbol que tú olvidaste  
Siempre se acuerda de ti”  
Atahualpa Yupanqui

## RESUMO

O presente estudo busca captar os sentidos de comunidade e de morar para os participantes de um projeto de moradia popular intitulado Orquídea Libertária, situado na cidade de Gravataí, Região Metropolitana de Porto Alegre. O objetivo geral deste trabalho é tematizar a questão da ocupação do espaço urbano, da moradia e das compreensões sobre o que seria uma comunidade na perspectiva de integrantes da equipe proponente e de futuros moradores da Orquídea Libertária. O trabalho parte da abordagem teórica sobre os conceitos de moradia popular e comunidade, apoiando-se principalmente em autores como Ermínia Maricato e Zygmunt Bauman, como referências nessas áreas. O estudo configurou-se nos moldes da pesquisação. Por conta da implicação da pesquisadora, que atua também na equipe proponente do projeto em estudo. Realizaram-se seis entrevistas semiestruturadas com participantes do processo de construção da Comunidade Orquídea Libertária. O estudo pretende ser um contributo para abordagem da construção de um projeto de moradia popular e dos sentidos que o permeiam esse processo, perpassando as noções de moradia e comunidade, apontando para um possível projeto de vida.

Palavras-chave: **Moradia Popular; Comunidade; Moradia.**

## LISTA DE SIGLAS

APN-VG- Associação de Preservação da Natureza do Vale do Gravataí.  
ATRACAR - Associação de Trabalhadores Em Ofícios Vários, Carroceiros e Catadores de Materiais Recicláveis de Gravataí.  
CEF- Caixa Econômica Federal.  
COOPSUL- Cooperativa de Trabalho Mista Solidária Utopia e Luta.  
COOTRACAR - Cooperativa de Trabalhadores Carroceiros e Catadores de Materiais Recicláveis, Industrialização e Comercialização.  
ENCCEJA – Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos.  
FLD – Fundação Luterana de Diaconia.  
GT – Grupo de Trabalho.  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.  
KZE – Katholische Zentralstelle für Entwicklungshilfe e.V.  
LEME - Laboratório de Ensaios e Modelos Estruturais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.  
MCMV-E – Programa Minha Casa Minha Vida Entidades.  
MNCR – Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis.  
MNPR- Movimento Nacional da População de Rua.  
MTD – Movimento dos Trabalhadores por Direitos, antigo Movimento dos Trabalhadores Desempregados.  
ONG – Organização Não Governamental.  
PAA – Programa de Aquisição de Alimentos.  
PPCI- Plano de Prevenção e Proteção Contra Incêndio.  
SPU – Superintendência do Patrimônio da União.  
TDK- Tokyo Denki Kagaku (Tóquio Elétrica e Química).  
UFRGS- Universidade Federal Rio Grande do Sul.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mocotó na fundação da Comunidade. Junho 2014. Fonte: arquivos pessoais da autora.....	14
Figura 2 - Oficina Núcleo de Artefatos de Concreto (2016). Fonte: arquivos pessoais da autora. ....	16
Figura 3 - Pic Nic de 1º. de Maio (2016). Fonte: arquivos pessoais da autora. ....	16
Figura 4 - Esquema Comunidade Orquídea Libertária .....	17

# SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>ORQUÍDEA LIBERTÁRIA: UMA APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>3</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>19</b>
3.1	MORADIA POPULAR .....	19
3.2	COMUNIDADE .....	23
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>29</b>
4.1	CONFIGURAÇÃO DO ESTUDO .....	29
4.2	INSTRUMENTOS DE PRODUÇÃO DE DADOS E PARTICIPANTES DA PESQUISA .....	30
<b>5</b>	<b>APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS .....</b>	<b>32</b>
5.1	MORAR E O JOGO DAS CIDADES .....	32
5.2	CHEGANÇAS.....	36
5.2.1	<i>“Ter algo de seu” .....</i>	<i>36</i>
5.2.2	<i>Insegurança.....</i>	<i>37</i>
5.3	POTÊNCIAS DA COMUNIDADE.....	39
5.4	EXPECTATIVAS.....	41
5.4.1	<i>Na convivência: diferenças/diversidade.....</i>	<i>41</i>
5.4.2	<i>Como será morar na comunidade?.....</i>	<i>43</i>
5.5	A ORQUÍDEA COMO PROJETO DE VIDA .....	45
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>48</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>51</b>
	<b>ANEXOS .....</b>	<b>53</b>
	ANEXO 1 – ROTEIRO DAS ENTREVISTA.....	53
	ANEXO 2 : ÍNTEGRA DAS ENTREVISTAS .....	53
	<i>Maria Helena .....</i>	<i>54</i>
	<i>Carlos Alberto .....</i>	<i>57</i>
	<i>Bruno Ricardo.....</i>	<i>61</i>
	<i>Eduardo Solari.....</i>	<i>63</i>
	<i>Jelson Abrilino .....</i>	<i>72</i>
	<i>Renan .....</i>	<i>73</i>

# 1 INTRODUÇÃO

A questão da moradia no Brasil é um assunto relevante, muito mais em se tratando de moradia popular. Há um déficit de aproximadamente seis milhões de moradias no Brasil (IBGE, 2014). Também há um “déficit urbano”, ou seja, não temos uma produção “qualitativa” de cidade, em seus aspectos de infraestrutura (esgoto, calçamento, tratamento do lixo, etc.) suficiente para acolher a todas as pessoas.

Nas últimas décadas, foram criadas políticas públicas nesta área, porém insuficientes para lidar com o tamanho e a urgência da questão. A habitação foi transformada em mercadoria, promovendo disparidade, mediada pelo capital, entre o processo de produção do espaço construído e o acesso a ele. Transformada em mercadoria, a moradia talvez atenda mais aos fluxos do mercado imobiliário do que à necessidade das pessoas. Isso porque a moradia adequada é muito mais do que quatro paredes e um teto. Ela é direito humano e deve ser vista como uma qualificação, sobretudo das camadas mais pobres da população, de acessar a cidade e seus benefícios (ROLNIK, 2016).

Nesse contexto, insere-se o projeto de Moradia Popular Orquídea Libertária, que pretende prover moradia e espaços de integração social para cinquenta famílias de baixa renda na cidade de Gravataí, Região Metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

O interesse dessa pesquisa partiu da inserção da pesquisadora, que atua na equipe proponente do projeto. Tem o objetivo de apreender os significados que esse projeto está tendo para um pequeno grupo de participantes, principalmente no que se refere aos conceitos de moradia e de comunidade. Quais os sentidos de morar e de comunidade para as pessoas que participam deste projeto de moradia popular? Haveria um único sentido para estes conceitos a partir das entrevistas? Se houver mais de um sentido, seria possível delinear que sentidos sobre moradia e comunidade permeiam tais entrevistas?

Assim, o objetivo geral deste trabalho é tematizar a questão da ocupação do espaço urbano e da moradia, não somente a partir de documentos oficiais e posicionamentos da intelectualidade, mas, igualmente da perspectiva de quem vai morar na Orquídea Libertária.

Enquanto objetivos específicos, o presente trabalho buscou: 1) contextualizar a Orquídea Libertária enquanto experiência do Projeto de Moradia Popular, a fim de explicitar os diferentes atores institucionais neste processo; 2) referenciar teoricamente a questão da moradia popular no Brasil, aspectos históricos e uma análise crítica de como a ocupação do espaço urbano retrata com nitidez a desigualdade social brasileira; 3) apresentar a metodologia de pesquisa; 4) realizar apresentação e análise das entrevistas realizadas.

Configuramos este estudo como uma pesquisação. Essa escolha de arcabouço metodológico se deu, entre outros, pelos seguintes motivos: 1) pelo lugar ocupado pela pesquisadora, que também é integrante da equipe proponente do projeto, com ações ativas na coordenação do processo; 2) os entrevistados fazem parte do grupo de pessoas que estão no processo de mobilização para a efetivação do projeto, participando de ações coordenadas pela equipe proponente; 3) houve uma troca intensa entre a pesquisadora e o grupo pesquisado, para além das entrevistas. A pesquisadora, além de fazer as entrevistas, socializava para discussão com o grupo textos que estavam sendo estudados para a elaboração deste trabalho. Ainda que não seja objetivo específico deste trabalho mensurar o quanto estes estudos influenciaram o pensamento do grupo, pode-se pensar que mesmo as falas individuais sejam frutos, neste contexto, de um esforço coletivo de pesquisa. Esforço no qual pesquisadora e participantes possuem, ainda que de formas distintas, atividades e implicações com o campo e com o tema em estudo.

Como instrumentos de produção de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com seis integrantes do processo da Comunidade Orquídea Libertária. Foram utilizados também registros da observação participante, a serem utilizados como fonte de dados secundária, quando houver necessidade.

Este estudo buscou registrar um processo possível de construção de moradia popular específico, gerenciado por uma cooperativa mista, habilitada a produção de habitação. Cooperativa que se responsabiliza com as questões burocráticas de elaboração e aprovação do projeto, bem como integra os

participantes, futuros moradores, numa diversidade de atividades. Tais atividades buscavam promover uma (re)construção de identidades, individuais e coletivas, numa preparação para a vivência na futura na Orquídea Libertária, configurando, de alguma forma, por fora das instituições e quase beirando a informalidade, um processo educativo.

Assim, o estudo busca ser um contributo, ainda que de forma inicial, para a reflexão de tal processo, ao intentar dimensionar alguns de seus efeitos nas concepções dos entrevistados a respeito do que é morar e do que é uma comunidade neste contexto específico.

## 2 ORQUÍDEA LIBERTÁRIA: UMA APRESENTAÇÃO

A Comunidade Autônoma Orquídea Libertária é um projeto de moradia popular destinado a cinquenta famílias. Está situado em Gravataí, Região Metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. É gerenciado pela COOPSUL (Cooperativa de Trabalho Mista Solidária Utopia e Luta) e financiado programa Minha Casa Minha Vida Entidades.

A COOPSUL, fundada em outubro de 2008, é uma “*ferramenta*” do movimento Utopia e Luta<sup>1</sup>. É habilitada no ministério das Cidades para realizar projetos de moradia popular através de programas como o Minha Casa Minha Vida – Entidades. Através da cooperativa são realizadas captações de recursos para realização de projetos que fomentam os núcleos de geração de renda. Nesse contexto, são adquiridas ferramentas de trabalho, insumos e capacitação, que possibilitam instalar na comunidade Utopia e Luta núcleos de geração de renda, como padaria comunitária, serigrafia e horta hidropônica, apostando que a formação passa pelo trabalho, pela prática.

O ponto de partida do projeto Comunidade Autônoma Orquídea Libertária, objeto deste estudo, tem início em 2009, fruto da iniciativa da COOPSUL em desenvolver projetos de moradia popular inspirados na experiência da Utopia e Luta em outros contextos geográficos. Seguindo essa iniciativa, em 2009 a cooperativa começa a participar do Grupo de Trabalho da Superintendência do

---

<sup>1</sup> A Comunidade Utopia e Luta foi formada a partir da ocupação de prédio público no Centro Histórico de Porto Alegre, em 2005, ação realizada pelo Movimento Nacional de Luta pela Moradia em parceria com outras organizações. A ação foi realizada do Fórum Social Mundial de 2005, como ação política de visibilização da ociosidade de prédios públicos no Brasil. Sete prédios foram ocupados neste ano. A ocupação do prédio da comunidade Utopia e Luta permaneceu. O repasse do imóvel ocorreu em fevereiro de 2008 e em maio de 2009 ocorreu a inauguração, após reforma. Diversos trabalhos acadêmicos tematizaram a experiência da Utopia e Luta, dentre os quais se destaca CASTRO (2015).

Patrimônio da União no estado do Rio Grande do Sul, que destina terras públicas para fins de interesse social<sup>2</sup>.

Pela necessidade de fomento a novos projetos de moradia popular, a partir de um seminário realizado em julho em 2013, é gestado pela COOPSUL o projeto Rede de Comunidades Autogestionárias<sup>3</sup>. Em agosto do mesmo ano, na Conferência das Cidades<sup>4</sup>, há um reencontro da COOPSUL com a COOTRACAR (Cooperativa de Trabalhadores, Carroceiros e Catadores de Materiais Recicláveis, Industrialização e Comercialização), localizada no município de Gravataí<sup>5</sup>.

Da articulação destas entidades, planeja-se viabilizar um projeto de moradia popular na região de Gravataí, conjugando a experiência da COOPSUL em projetos de moradia popular e organização dos catadores da COOTRACAR no trabalho coletivo da coleta e destinação de resíduos sólidos da região. Retoma-se a solicitação de uma terra ao GT da Superintendência do Patrimônio da União no estado do RS. No final do ano de 2013 a COOPSUL recebe a “guarda da terra”<sup>6</sup> e no início de 2014 a Concessão de Direito Real de Uso.

A comunidade Orquídea Libertária inicia a partir da parceria da COOPSUL com a COTRACAR, pretendendo atender a demanda de moradia e de reorganização social de catadores e catadoras ligados ao MNCR na cidade

---

<sup>2</sup> Atualmente este GT continua em atividade. Reúnem-se trimestralmente com cooperativas e entidades interessadas em regularização fundiária, para passar informes do andamento dos projetos e terras disponíveis para interesse social.

<sup>3</sup> Rede de Comunidades Autogestionárias é um projeto “guarda-chuva” que pretende conectar comunidades, a fim de organizar uma rede socioeconômica a partir da reorganização territorial. Foi fundada em 2013 a partir de um seminário, e a partir daí seguiram apresentando o projeto para captação de terras públicas nas cidades do interior do Rio Grande do Sul. Atualmente compõem a Rede de Comunidades Autogestionárias, quatro comunidades: Utopia e Luta; Orquídea Libertária; Comuna Pachamama e Ateliê Casa 9. Com suas diferenças e autonomias, reúnem-se semestralmente para debater, aprofundar e desenvolver os conceitos de Economia Mínima, práticas autogestionárias e reorganização territorial.

<sup>4</sup> A Conferência das Cidades é um modelo misto entre poderes públicos e sociais e privados com o fim de expor os debates do desenvolvimento das cidades. Há etapas municipais, estaduais culminando na nacional em Brasília, com objetivo de traçar os rumos e diretrizes da política urbana brasileira.

<sup>5</sup> Entidade vinculada ao MNCR (Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis).

<sup>6</sup> A cooperativa fica responsável por cuidar a terra durante um período de um ou dois anos enquanto elabora e apresenta projetos arquitetônicos para a caixa, agente financiador, do Programa Minha Casa Minha Vida Entidades. Para dar andamento aos projetos transforma-se em Concessão de Direito Real de Uso. Se durante esse período, a cooperativa não apresentar os projetos devolve a terra para ser destinada a outro projeto. Pode ser renovada por um igual período.

de Gravataí. Visa também contribuir com a organização a de uma estratégia territorial, provendo infraestrutura, moradia e equipamentos comunitários que criem condições para uma nova organização social. A organização econômica também é importante na provisão de atividades para as famílias, geração de renda e espaços de convivência no território.

O nome da comunidade é escolhido devido às orquídeas encontradas no território. Também para simbolizar o empoderamento das mulheres. Em homenagem à memória da catadora Tatiana Aparecida Zomer, vítima de violência doméstica. Em homenagem à Tatiana também é o título do presente trabalho: *Tati Vive!*

Em 2014, a COOPSUL passa a cuidar a terra e a se dedicar a selecionar as cinquenta famílias, iniciando as atividades como reuniões e eventos coletivos. Em junho deste ano realizou-se uma atividade com debate temático de grupos e almoço coletivo “Mocotó” no terreno, com as famílias, que foi considerada a “fundação” da comunidade.



*Figura 1 - Mocotó de “fundação” da Comunidade. Junho 2014.  
Fonte: arquivos pessoais da autora.*

Em setembro do mesmo ano, a equipe técnica inicia, juntamente com as famílias, a elaboração coletiva do projeto arquitetônico. Constrói-se um alojamento provisório no terreno, com o objetivo de cuidar a terra e realizar as atividades lá, para ir constituindo identidade com o território. As reuniões ocorrem semanalmente no galpão de triagem da Cootracar e no terreno do projeto.

Em 2015, a cooperativa segue cuidando a terra e promovendo atividades coletivas. Um resultado da elaboração do projeto arquitetônico colaborativo é a

Cartilha do projeto, realizada com o apoio da Ong Cidade e de um Projeto de Extensão da UFRGS<sup>7</sup>.

Ao longo deste ano, novos beneficiários são selecionados para suprir as desistências. A COOPSUL busca financiamento com a ONG Alemã KSE/Misereor, para viabilizar as despesas da cooperativa e dedicar a atividades de formação na Orquídea e na Rede de Comunidades Autogestionárias.

O ano culmina com a realização, em dezembro, no terreno da Orquídea Libertária, do II Encontro da Rede de Comunidades Autogestionárias. É um evento cultural com música, teatro, capoeira, com a presença de diversos coletivos e movimentos, como o MNPR Porto Alegre, Quilombo dos Machado, Guaranis do Cantagalo, Terreira da Tribo<sup>8</sup>.

Durante este período, são elaborados os projetos arquitetônicos e encaminhados para aprovação nos órgãos competentes, prefeitura e Caixa Econômica Federal.

Durante o ano de 2016, ainda realizando projetos complementares e aguardando as aprovações, a Comunidade pensa em criar um núcleo de produção de artefatos de concreto. Aprova projeto em edital da Fundação Luterana Diaconia, que possibilita a compra de equipamentos e realização de oficinas de multiplicação de saberes. Nessas oficinas, estreitam-se laços com o Movimento Nacional da População de Rua de Gravataí, que contribuem com seus saberes. Realizou-se uma atividade coletiva no 1º de maio, o Pic Nic libertário de Resistência e Luta.

O processo de construção do evento “1º de maio na Orquídea Libertária: Pic Nic de Resistência e Luta”, realizado em primeiro de maio de 2016, pode ser considerado um exemplo de atividade de organização que pode ter gerado um aprendizado coletivo. Começa-se a perceber que as assembleias, em forma de roda, embaixo da árvore já não estavam atingem os objetivos de ampla participação e compreensão do projeto.

---

<sup>7</sup> colaboração entre Laboratório Cidade em Projeto (Faculdade de Arquitetura/UFRGS) e Cidade – Centro de Assessoria e Estudos Urbanos. (<https://praticasdemorar.wordpress.com/tag/extensao-universitaria/>)

<sup>8</sup> Vídeo documentário produzido pelo Quilombo Fortaleza durante o evento: <https://www.youtube.com/watch?v=DzImYtGijQY>



*Figura 2 - Oficina Núcleo de Artefatos de Concreto (2016).  
Fonte: arquivos pessoais da autora.*



*Figura 3 - Pic Nic de 1º. de Maio (2016).  
Fonte: arquivos pessoais da autora.*

Geralmente, eram sempre as mesmas pessoas que participavam, emitiam opiniões. De outros nem se ouvia a voz, nem os conheciam. Pensa-se então em uma metodologia prévia ao “pic-nic”: reunir as pessoas em grupos menores. Isto gera mais trabalho, mais tempo de dedicação, reuniões em todos os fins de semana. Contudo, tal esforço e tempo não foi considerado não um gasto, mas um investimento pela equipe proponente do projeto, pois, em grupos menores, é possível aproximar-se das pessoas e seus problemas.

A dinâmica dos grupos é a de realização de um exercício de coletivização problemas relatados pelos participantes do projeto, como saúde e violência, ampliando a análise destes temas para a situação do bairro, da cidade e do país.

Demonstrando que os problemas são de todos. Geram-se grupos temáticos para o dia do *pic nic*. As pessoas assumem tarefas, como coordenação de grupos, ciranda e cozinha. São convidados outros coletivos e movimentos sociais. Há debates, almoço coletivo e o encerramento cultural com a apresentação da Cambada em Ação Direta Levanta Favela.

Em julho de 2017, os projetos arquitetônicos são aprovados pela CEF encerrando a Fase 1 e encaminhado para a contratação da Fase 2, que corresponde a um novo contrato para iniciar obras. Alguns participantes da Orquídea realizam produção de Alfajores e um evento de Rodízio de Pizza para arrecadar recursos para manter as despesas. Durante os meses de agosto e setembro forma-se, por iniciativa dos futuros moradores da Orquídea Libertária, um pequeno grupo de estudos para as provas do ENCCEJA, Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos. No final de dezembro, o contrato para o início das obras é assinado pela COOPSUL.

Tentando sintetizar um processo tão complexo, envolvendo diversos atores institucionais, apresenta-se, na figura 4, um esquema elaborado no coletivo de pesquisação, representando a comunidade e suas relações institucionais e sociais.

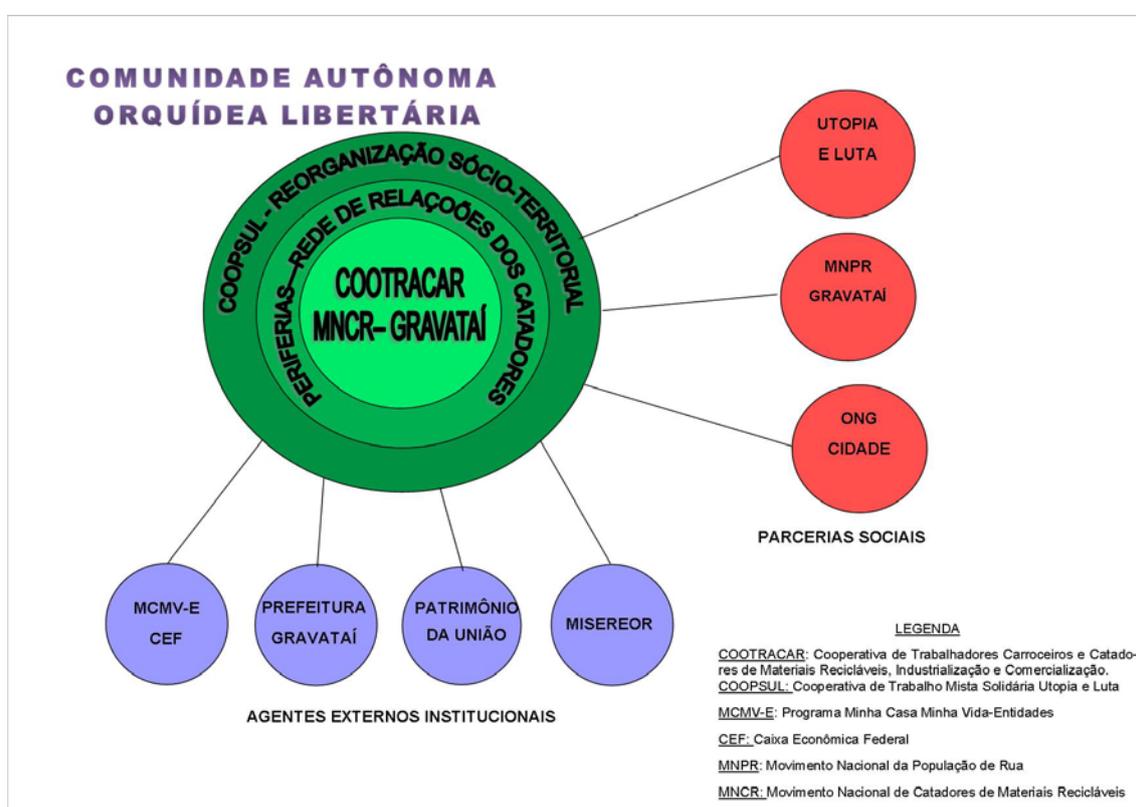


Figura 4 - Esquema Comunidade Orquídea Libertária

As questões de pesquisa, que versam sobre o sentimento de comunidade e o que seria morar para proponentes e beneficiários do projeto Orquídea Libertária. Para tanto, faz-se necessário, para uma melhor compreensão da temática e pensar como o projeto Orquídea Libertária entra nesse cenário, a elaboração de referencial teórico consistente para a discussão da questão da moradia popular no Brasil e como se dariam as relações entre comunidade e território na contemporaneidade. Estes aspectos serão tematizados no próximo capítulo.

## 3 REFERENCIAL TEÓRICO

### 3.1 MORADIA POPULAR

Segundo Maricato (2002), o processo de urbanização do Brasil consolida-se e aprofunda-se a partir da década de 1930. Nesse período, os interesses urbanos-industriais conquistam a hegemonia na orientação da política econômica, mas sem romper com as estruturas de relações arcaicas de mando baseadas na propriedade fundiária. A autora destaca essa característica do contexto social brasileiro: há industrialização sem reforma agrária, diferentemente do ocorrido nos Estados Unidos e na Europa.

Em 1940, as cidades parecem que superariam um Brasil arcaico rumo à modernização e à emancipação política e econômica. A qualidade de vida em São Paulo é exaltada por antropólogos, como Lévi-Strauss, mas na periferia das décadas de 1960 e 1970 não se encontra a mesma realidade, “*mas era possível reunir os amigos e vizinhos para um churrasco e uma cerveja (na vida da roça a carne era um alimento raro)*”. (MARICATO, 2002).

Neste contexto, as casas, construídas nos loteamentos ilegais da periferia, construídas no mutirão, fruto do esforço e trabalho de seus futuros moradores e seus amigos nos fins de semana, podiam apresentar deficiências, mas eram honestas e dignas. As residências, agora construídas, receberiam melhorias com pequenos investimentos provenientes das férias e do 13º salário ao longo dos anos. (MARICATO, 2002).

O movimento migratório brasileiro se aprofunda entre 1950 e 1960, ampliando a população urbana em 125 milhões em menos 60 anos. Atualmente, o Brasil pode ser considerado um dos mais urbanizados do mundo, com 82% da população urbanizada nos anos 2000, sendo que 30% desta está concentrada em nove metrópoles. (IBGE, 2010). No final do século XX, a imagem das grandes

idades está delineada por favelas, poluição do ar e das águas, enchentes, desmoronamentos, crianças abandonadas, violência, epidemias, contrariando a utopia da emancipação social e da modernização para todos. (MARICATO, 2002).

Segundo Paz (1996), o processo histórico de democratização do Brasil é marcado pela emergência de movimentos sociais que entram na cena pública reivindicando direitos sociais e melhores condições de vida. Esse caráter reivindicativo aponta principalmente uma mudança na concepção de luta pela moradia: não se trata mais somente o atendimento de serviço urbano voltado ao morar, mas também da geração de campos propositivos de políticas públicas e de reconhecimento institucional.

Os movimentos sociais neste sentido foram reconhecidos como sujeitos coletivos do lento processo de democratização, na conjuntura dos anos 1970, ainda sob o regime militar e 1980, já na redemocratização do país. Nos anos 1990, cria-se uma série de entidades, fóruns nacionais e internacionais voltados à discussão do direito à moradia. Essas entidades passam a articular ações conjuntas nos espaços públicos. Dentre elas, pode-se citar: a Central de Movimentos Populares (CMP); o Movimento Nacional de Luta pela Moradia (MNLN); a União Nacional por Moradia Popular (UNMP) e o Fórum Nacional de Reforma Urbana. (PAZ, 1996).

Analisando este processo, Maricato (2002) o via com otimismo, pois em julho 2001, doze anos após a constituição de 1988, havia sido aprovado o Estatuto das Cidades no Congresso Nacional, *“um inédito conjunto de medidas que visam à implementação da função social da propriedade”*.

Maricato aponta que, neste contexto histórico, durante sua experiência na Secretária de Habitação e Desenvolvimento Urbano do governo de Luiza Erundina no município de São Paulo, trabalhou-se pela construção de novas moradias de modo participativo e pelo direito à arquitetura. Em um contexto mais amplo geral, a autora enfatiza que se formaram muitos escritórios técnicos de arquitetos, engenheiros e advogados para dar assessoria aos movimentos sociais.

Além disso, novas leis visando à justiça urbana, inovações em projetos e obras de infraestrutura urbana foram criadas. Menciona também a criação e desenvolvimento do Orçamento Participativo em Porto Alegre, foi a iniciativa

desse período que mais ganhou prestígio no mundo todo, tendo, inclusive, potencializado produção acadêmica importante<sup>9</sup>.

A autora aponta que ocorreram avanços em alguns aspectos na periferia urbana, tentando requalificar as condições de vida, como em conjuntos habitacionais construídos com participação social e qualidade arquitetônica. Sobre o arcabouço legal nos anos 2000, enfatiza:

O movimento de Reforma Urbana alcançou progressos significativos: o Estatuto da Cidade; a criação do Ministério das Cidades; as Conferências Nacionais das Cidades; o Programa Nacional de Regularização Fundiária; o Conselho Nacional das Cidades; a Lei de Consórcios Públicos; o Plano Diretor Participativo. Após isso, ainda foram construídos: a Lei do Saneamento, a Lei da Mobilidade Urbana; a Lei sobre os Resíduos Sólidos. Ou seja, é lei para ninguém botar defeito, um arcabouço legal novo! (MARICATO, 2015, p.17)

Porém, tal otimismo se esvaneceu com o decorrer do tempo. Maricato (2015) afirma que, apesar de ser o Brasil um país emergente, sexta economia do mundo, e a economia mais forte da América Latina, ele reafirma as assimetrias que existem entre os países do mundo capitalista, reforçando a condição das cidades periféricas no capitalismo global.

Assim, embora se reconheçam os avanços legais na questão da moradia no Brasil, com contribuições que, inclusive, servem de modelo a legislações de outros países, Maricato (2015) aponta que a questão da moradia no país não avança. Não porque inexistam marcos legais adequados, mas porque as dinâmicas do tecido social brasileiro, por demais assimétrico e desigual, acabam por obstaculizar a sua execução.

No contexto brasileiro contemporâneo, a cidade é cada vez mais tomada como uma mercadoria, juntamente com todos os elementos que a compõem - edifício, poste, mobiliário urbano, toda a rede de infraestrutura, pontes e viadutos. Um imóvel pode ser considerado como uma mercadoria especial, pois tem um valor de acordo com a localização na cidade.

O preço de localização, sensível à condição geográfica e social no entorno de um determinado imóvel é elemento importante no que Maricato denomina o

---

<sup>9</sup> O Orçamento Participativo foi uma importante ferramenta de participação popular, estudada por pesquisadores do mundo todo, como o sociólogo português Boaventura de Souza Santos. Santos, Boaventura de Sousa (2002), "Orçamento Participativo em Porto Alegre: para uma democracia redistributiva", in Santos, Boaventura de Sousa (org.), *Democratizar a Democracia. Os caminhos da democracia participativa*. Porto: Edições Afrontamento.

grande “negócio da cidade” ou “jogo da cidade”. Nessa dinâmica, o imóvel-mercadoria parece captar valor de acordo com a localização, passando a ser a chamada “renda imobiliária”. Partindo dessa reflexão, Maricato (2015) questiona o conceito de direito a cidade em que “só mora bem e tem direito à cidade quem pode pagar”.

Nos programas habitacionais o direito à cidade é traduzido como o direito à água, ao esgoto, à energia elétrica, etc. Não, não é só isso [...] Existe uma luta surda pelas localizações na cidade e uma disputa acirrada pelo fundo público. Ela diz respeito ao investimento público que têm grande impacto sobre os preços imobiliários. (MARICATO, 2015, p.12)

Nas cidades, as fórmulas urbanísticas disseminadas pelo neoliberalismo as transformaram em um grande negócio, envolvendo privatizações, desregulamentações, gerando uma competição intra e entre cidades, perpetuando o ciclo de desigualdades também no tecido urbano.

Assim, entre uma legislação que permite a participação nas discussões da questão da moradia e o contexto socioeconômico brasileiro, Maricato (2015) aponta que vivemos um paradoxo: passaram-se vinte anos pedindo investimentos para as políticas urbanas. Mas, quando há recursos, também há altos índices de despejos violentos, avanço da periferia, expulsão das cidades devido aumento do aluguel, resultado da especulação imobiliária. Enfim, junto com os recursos, recrudesceram também as forças do capital, associadas a grande mídia e financiamento de campanhas eleitorais.

Maricato se questiona sobre a utopia da Reforma Urbana. Afirma que a centralidade da terra e a função social da propriedade na Reforma Urbana foram esquecidas. Os movimentos sociais foram engolidos pela institucionalidade. Chegou-se num vazio de participação social independente, porém ele foi preenchido de algum modo, muitas vezes à revelia dos movimentos sociais. “Nunca fomos tão participativos”, porém os movimentos sociais, gérmen dessa participação, estavam, no contexto do início dos anos 2010, alocados nas gerências e subgerências do aparelho do Estado.

O mesmo Estado que vem gerando leis avançadas, mas, paulatinamente, se afastando das práticas dos movimentos sociais que lhe fortaleceram e que contribuíram para sua constituição. Um Estado que, estando cada vez mais a reboque das demandas econômicas a transformar a moradia em uma questão

meramente econômica, a reproduzir desigualdades sociais no contexto do “jogo da cidade”.

### **3.2 COMUNIDADE**

Comunidade é um tipo de conceito que possui um debate intelectual pujante, principalmente no âmbito das ciências sociais. As mudanças sociais ao longo da história, principalmente as transformações a partir da revolução industrial até os meados segunda década do século XXI, têm instigado releituras desse conceito.

Trindade (2001) retoma os conceitos de sociedade e comunidade na sociologia. A autora afirma que o individualismo é uma característica do nosso tempo, que nos leva a nos fechar em nosso próprio mundo. Ao mesmo tempo, é vista como algo positivo, no qual ao sujeito faz-se crer cada vez mais “senhor do seu destino”, libertado das amarras de Deus, do Estado e da família. (Embora sendo atirado, nesse processo de “libertação”, das mãos do divino, do Rei e da linhagem às malhas do capital, nas quais as formas de sobrevivência muitas vezes entram em contradição com o “livre arbítrio” que dizem a este sujeito possuir). Enfim, tal relação passa a se sobrepor às das relações comunitárias, ligadas à religião ou a família (comunidades eminentemente “éticas” como veremos a seguir), que passam a ser vistas como “antiquadas”, “velhas”, “aprisionadoras” e “castradoras” desse sujeito moderno e “senhor de si”.

Trindade (2001) aponta, conforme o pensamento de Robert Nisbet, que o nascimento da sociologia no século XIX põe em cheque a noção de indivíduo que, neste período, era considerado como ser natural, racional, provido de características inatas e permanentes. A comunidade seria então, um lugar de engajamento de natureza moral e por uma adesão comum a um grupo social. Assinala que o caráter da comunidade se pauta pela sua unidade, mas que é a pluralidade que a assegura. São a diversidade e os conflitos entre os participantes que contribuem para seu crescimento.

Ao retomar Tönnies, relembra que no modo de vida da aldeia, são as relações de parentesco, vizinhança, amizade que predominam na organização social. Formaria uma rede de relações orgânicas que caracterizariam a

comunidade, uma forma verdadeira e duradoura. Para Tönnies, foi a passagem da vida da aldeia para a vida nas cidades que propiciou a ruptura dos laços comunitários entre as pessoas, passando para as relações societárias, contratuais, as diferenças e o isolamento do indivíduo. (TRINDADE, 2001).

Do ponto de vista histórico, o desenvolvimento capitalista, com valores de reforço à acentuação do papel do indivíduo contribuem para seu isolamento. No contexto comunitário, os laços são construídos em função da coletividade, na identidade entre os participantes.

Já as relações sociais na sociedade contemporânea, elas partem do contrato baseado na afirmação do individualismo e consumismo exacerbados, que impedem o estabelecimento de vínculos mais duradouros. Conforme Nisbet, as relações sociais repousam unicamente sobre o interesse pessoal, a confiança em si e o acordo contratual. Estas relações existem no domínio econômico, mas também nos domínios religioso, educativo e político. (TRINDADE, 2001).

Albuquerque (1999) discute as noções de comunidade e sociedade, como fontes de representações simbólicas que povoam o imaginário moderno. Reflete sobre esses conceitos como expressões de símbolos, imagens e representações que desempenham papéis importantes na dinâmica histórica. Afirma que, enquanto instrumento de análise do real, o par comunidade-sociedade indica configurações contrastantes, tais como: o arcaico e o moderno; o afetivo e o racional; o sagrado e o secular. Tais contrastes se estabelecem e compõem a discussão sobre as noções de comunidade e sociedade como fontes de representações simbólicas que povoam o imaginário moderno.

A autora parte da conceituação da modernidade, partindo da ideia de contrato social no século XVII, com suas transformações econômicas e institucionais. Afirma que a modernidade trouxe uma série de benefícios materiais e imateriais à existência humana: a melhoria do padrão de vida em todos os seus sentidos, a ideia de liberdade individual e a possibilidade de escolha. A figura racional do contrato permitiria relações específicas, criadas pela vontade, em que os homens se ligariam de forma livre e racionalmente. A modernidade impôs padrões de conduta civilizados, expressos pelo domínio do consciente sobre a emoção e a inconsciência, pelo autocontrole e pela repressão de impulsos espontâneos.

Nesse momento histórico, essas características apontavam para uma sociedade desejável, ao mesmo tempo em que retravam com hostilidade intelectual à comunidade tradicional, remetendo aos grupos e associações da Idade Média.

Já no século XIX, a noção de comunidade é resgatada pelos utópicos simbolizando uma boa sociedade, de relações com profundidade emocional, intimidade, engajamento moral e continuidade. Enfim, a imagem de comunidade inspira utopias. A modernidade trouxe o fracionamento do conhecimento, e um desencantamento do mundo como enigma, devido à crença que o progresso infinito da ciência iria, por fim, desvendá-lo. Ao longo da história da modernidade, há uma tensão conceitual e simbólica das categorias comunidade e sociedade. (ALBUQUERQUE, 1999).

Se por trás da imagem da sociedade estava o exorcismo da comunidade arcaica, medieval e tradicional, a força da imagem da comunidade está na própria sociedade, como aposta ou como ameaça. (ALBUQUERQUE, 1999, p. 4).

O conceito de comunidade é retomado, na atualidade, por autores como Zygmunt Bauman (2003). Ele pondera que, ao se mencionar o termo “comunidade”, sempre remete a algo bom, mesmo que não se saiba muito bem seu significado.

Para Bauman, comunidade é lugar calmo, aconchegante, protegido. Remete a uma sensação de prazer, fazendo com que se queira estar numa comunidade ou ser de uma comunidade. Na comunidade há segurança, confiança, pode-se discutir, mas que seja para melhorar algo em comum. Afirma que o sentimento que a comunidade evoca é justamente o que se sente falta na atualidade: segurança e confiança. (BAUMAN, 2003).

Destaca que essa comunidade está no imaginário, e que, se houver possibilidade de concretizá-la, terá que se pagar um preço para viver nela. Se quiser segurança, terá de se privar da liberdade, se quer confiar em alguém ou quer mutualidade, não procure pessoas de fora da comunidade. Para Bauman, a comunidade sempre é lembrada como uma coisa boa, confortável, aconchegante, cálido, segura, remete a confiança e boa vontade. É um mundo que não está ao nosso alcance, mas gostaríamos de nele viver. Seria um paraíso

perdido, e passamos a vida buscando caminhos que possam nos levar até lá. (BAUMAN, 2003).

Em uma comunidade “natural” há o consenso, que está dado muito antes dos acordos e combinações. São acordos tácitos, já está presente na comunidade. Com a Modernidade, as combinações precisam ser largamente argumentadas; os acordos, construídos. E, por mais firme que sejam estabelecidos entre os partícipes modernos, tais combinações e acordos não serão como nas comunidades originárias, precisando sempre de reforço, vigilância e defesa. (BAUMAN, 2003).

A identidade, no contexto da Modernidade, seria como uma substituta da comunidade, mas constituição de uma necessita invocar também a outra. As duas dimensões (a sensação de “estar entre os que me identifico”) não são fáceis de encontrar no mundo contemporâneo, permeado de individualização impessoal, reflexo da globalização. Mas o par identidade-comunidade pode ser imaginado pela busca por abrigo e segurança num mundo inóspito. (BAUMAN, 2003).

O capitalismo moderno tentou, ao longo tempo, substituir o “entendimento natural” da comunidade, que tinha o ritmo dado pela natureza, pela lavoura, pela tradição e pelo artesanato, por uma rotina artificial e coercitiva, induzindo o trabalhador ao tempo da máquina, forçando-o a esquecer das relações fora da fábrica. Também tentou criar tardiamente um “sentido de comunidade” instalando as “cidades-modelo”, recriando em torno da fábrica todas as instâncias da comunidade, tornando o trabalho na fábrica uma tarefa para toda vida, um elemento constitutivo da “comunidade moderna”. (BAUMAN, 2003).

Já não há mais o mercadinho da esquina, agora são os supermercados. Não mais os bancos locais; agora, o sistema bancário cada vez mais difuso e impessoal. Não se permanece mais no trabalho, nem se dá o tempo de se conhecer ao outro ou a uma atividade humana, pois as relações de trabalho e sociais estão fluídas, ao sabor do mercado. As relações domésticas também estão impregnadas desta impermanência, pois relações tidas para toda a vida, como o casamento, também passam a ser questionadas. Para Bauman, essas manifestações:

foi-se a maioria dos pontos firmes e solidamente marcados de orientação que sugeriam uma situação social que era mais duradoura,

mais segura e mais confiável do que o tempo de uma vida individual. Foi-se a certeza de que “nos veremos outra vez”, de que nos encontraremos repetidamente e por um longo porvir — e com ela a de que podemos supor que a sociedade tem uma longa memória e de que o que fazemos aos outros hoje virá a nos confortar ou perturbar no futuro; de que o que fazemos aos outros tem significado mais do que episódico, dado que as consequências de nossos atos permanecerão conosco por muito tempo depois do fim aparente do ato — sobrevivendo nas mentes e feitos de testemunhas que não desaparecerão. (BAUMAN, 2003, P. 45).

Talvez, por esses e outros indícios, é tão fácil sonhar, mas tão raro viver em um lugar que se possa denominar “comunidade”. Isso porque, no entendimento que Bauman realiza da compreensão social do que seria uma comunidade, ele aponta que:

nenhum agregado de seres humanos é sentido como “comunidade” a menos que seja “bem tecido” de biografias compartilhadas ao longo de uma história duradoura e uma expectativa ainda mais longa de interação frequente e intensa. É essa experiência que falta hoje em dia, e é sua ausência que é referida como “decadência”, “desaparecimento” ou “eclipse” da comunidade. (BAUMAN, 2003, p.48).

Bauman diferencia a comunidade ética da comunidade estética. A comunidade ética está relacionada a um tecido social feito com laços fortes, da ordem do religioso, do familiar, da tradição. São laços sólidos, compromissos em longo prazo, direitos inalienáveis, reforçados pelo compartilhamento fraterno, garantias institucionalizadas. Afirma que o que mais se procura numa comunidade, atualmente, é o que menos se tem: certeza, segurança e proteção. Já as comunidades estéticas são mais fluidas. Evidenciando um momento de individualização, mas são temporárias. Os laços são pouco duradouros, transitórios, quando não descartáveis. Podem ser consideradas “comunidades-cabide”, há uma experimentação de aflições e preocupações temporárias que depois são penduradas e experimentadas por outros. Também podem formar-se momentaneamente em um evento ou em torno de alguma celebridade, alimentando a indústria do entretenimento.

A comunidade na modernidade líquida é como um disfarce para a busca da identidade – numa sociedade de consumo, algo a ser sempre procurado e nunca encontrado, sempre testado, nunca definitivo.

A comunidade realmente existente será diferente da de seus sonhos — mais semelhante a seu contrário: aumentará seus temores e insegurança em vez de diluí-los ou deixá-los de lado. Exigirá vigilância

vinte e quatro horas por dia e a afiação diária das espadas, para a luta, dia sim, dia não, para manter os estranhos fora dos muros e para caçar os vira-casacas em seu próprio meio. E, num toque final de ironia, é só por essa belicosidade, gritaria e brandir de espadas que o sentimento de estar em uma comunidade, de ser uma comunidade pode ser mantido e impedido de desaparecer. O aconchego do lar deve ser buscado, cotidianamente, na linha de frente. (BAUMAN, 2003, P. 20).

A partir dos apontamentos sobre a questão do espaço urbano, demarcada pela desigualdade social, conforme o pensamento de Ermínia Maricato e das relações ambíguas entre comunidade e modernidade, conforme aponta Zygmunt Bauman, e retomando as questões de pesquisa, cabe pensar até que ponto se aproximam ou se distanciam destes apontamentos as falas dos entrevistados, integrantes, como proponentes ou participantes do projeto de moradia popular Orquídea Libertária.

Haveria, nas entrevistas realizadas com os participantes do projeto, marcas desse processo de diferenciação social, efeitos do “jogo da cidade”? Seria possível identificá-los? Seriam de que ordem? Haveria tal ambiguidade quanto ao termo “comunidade”, conforme alude Bauman? E que outros elementos surgem?

Para tanto, cabe apresentar uma sistematização da experiência em estudo, em termos metodológicos, o que será discutido no próximo capítulo.

## **4 METODOLOGIA**

### **4.1 CONFIGURAÇÃO DO ESTUDO**

O estudo realizado é de caráter eminentemente qualitativo. Utilizou-se nesse processo a estratégia de pesquisa chamada de pesquisa-ação. É uma linha de pesquisa associada a diversas formas de ação coletiva. É orientada em função da resolução de problemas ou de objetivos de transformação, no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

A pesquisa-ação é um instrumento de trabalho e de investigação com grupos, instituições, coletividades de pequeno ou médio porte. Não se trata de psicologia individual, também não é adequada ao enfoque macrossocial. É uma estratégia metodológica da pesquisa social em que, entre outros aspectos, há uma ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada.

Na pesquisa-ação pretende-se aumentar o conhecimento ou o “nível de consciência” das pessoas e grupos considerados; quando o objetivo da pesquisa-ação é principalmente voltado para a produção de conhecimento que não seja útil apenas para a coletividade considerada na investigação local.

A ênfase da pesquisa-ação pode ser dada a um dos três aspectos: 1) resolução de problemas; 2) tomada de consciência, e 3) produção de conhecimento. Ela possibilita estudar dinamicamente dos problemas, decisões, ações, negociações, conflitos e tomadas de consciência que ocorrem entre os agentes durante o processo de transformação da situação.

Uma qualidade da pesquisa-ação é que as populações não são consideradas como ignorantes e desinteressadas. Com a divulgação de informação dentro da população, com o processo de aprendizagem dos

pesquisadores e dos participantes é possível esperar a geração de uma massa de informação significativa, aproveitando as competências diversas (THIOLLENT, 2008).

Acredita-se que o principal objetivo deste trabalho seja a produção de conhecimento, mas que, ao dar o retorno a comunidade, o estudo também pode auxiliar na tomada de consciência, por parte do grupo participante da pesquisa, do processo de construção coletiva.

Cabe salientar que o contexto da experiência bem poderia ser apresentado neste capítulo, ele foi deslocado e apresentado como um capítulo à parte, logo no início deste trabalho (capítulo 2). Isso em função de, neste caso específico, ser muito importante o contexto para uma melhor compreensão das escolhas teóricas e metodológicas empregadas no estudo. Trata-se, também, de uma estratégia estilística para deixar o leitor já a par do campo de estudo. Assim sendo, as informações referentes ao contexto desta investigação encontram-se do referido capítulo.

#### **4.2 INSTRUMENTOS DE PRODUÇÃO DE DADOS E PARTICIPANTES DA PESQUISA**

Os instrumentos de produção dos dados da pesquisa consistiram em entrevistas, em primeiro plano e em observação participante, como fonte de dados secundárias. Os registros da observação participante foram importantes para configurar o capítulo 2 deste estudo, no qual se encontra o contexto da experiência.

As entrevistas foram realizadas partindo de critérios relacionado a intensidade e modo de participação, tempo de dedicação ao projeto Orquídea Libertária: 1) Um entrevistado faz parte dos proponentes do projeto, fundador da Utopia e Luta; atualmente mora na Orquídea; atual presidente da COOPSUL (Eduardo). 2) Três entrevistados integram o grupo a mais de um ano; moram ou trabalham na Orquídea; reúnem-se periodicamente para discutir e operacionalizar os rumos do projeto (Maria, Bruno e Carlinhos). 3) Dois entrevistados são inscritos no projeto como beneficiários, participam das atividades promovidas, não tem tarefas determinadas nem participam da organização do projeto, trabalham na COOTRACAR (Renan e Jelson).

No quadro que segue, apresentam-se os participantes de pesquisa:

<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>Profissão</b>	<b>Participação</b>
Eduardo Solari	61	Músico	Proponente.
Carlos Alberto (Carlinhos)	31	Catador. Função Coordenador Logístico COOTRACAR	Beneficiário; participa mais de um ano; coordenação.
Bruno Ricardo	22	Catador e Educador Popular na Orquídea Libertária	Beneficiário; participa mais de um ano; coordenação.
Maria Helena	49	Catadora e Educadora popular na Orquídea Libertária	Beneficiária; participa mais de um ano; coordenação.
Jelson Abrilino	42	Catador. Função Triador na COOTRACAR	Beneficiário.
Renan	26	Catador. Função Auxiliar Administrativo na COOTRACAR	Beneficiário.

## **5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS**

A apresentação das análises partindo do referencial teórico pesquisado, permitiu observar as entrevistas partindo de uma perspectiva de questões mais amplas, como a noção de moradia e o jogo das cidades como determinador dos territórios e espaços de habitação, de um nomadismo social e como os integrantes do projeto dialogam com essa questão; após captamos como os integrantes do projeto “chegaram” ao projeto, com quais concepções; em seguida pudemos analisar as questões relacionada a Comunidade, como as expectativas que envolvem o projeto, até percebermos uma noção presente de “projeto de vida.”

### **5.1 MORAR E O JOGO DAS CIDADES**

No contexto da moradia e o chamado “jogo das cidades”, nos apoiamos em Maricato (2015). A autora aponta que os principais intérpretes da sociedade brasileira, como, entre outros, Caio Prado Jr., Sérgio Buarque de Holanda, Raimundo Faoro, Celso Furtado, Francisco de Oliveira, Roberto Schwartz e Florestan Fernandes, analisaram a produção da cidade, focando na funcionalidade de cidade informal, ilegal ou periférica para o processo de acumulação de capital nos países não hegemônicos.

Maricato aponta que tratamos a questão da cidade como reflexo da constituição dos países colonizados, considerados subdesenvolvidos, permeado pelas relações do mercado e do capitalismo como sistema predominante, gerador de diversas facetas da mesma desigualdade.

A questão da moradia, por sua vez, está relacionada a formação das cidades, por não ter planejamento urbanístico nem capacidade para resolver serviços públicos essenciais, devido as migrações e crescimento do sistema

econômico, desaguando na problemática atual em que o mercado imobiliário dita as regras gerando, entre outros problemas, os despejos e a violência.

Um dos entrevistados, na posição de proponente do projeto Orquídea Libertária, relata, sob seu ponto de vista, essa questão:

**Eduardo:** (... ) *A moradia é uma necessidade inalienável que se transforma em direito, e reitero outra vez mais, para que seja notável essa diferença, se transforma em direito a partir da ordem civilizatória controladora dos territórios. (...) Então, a moradia, neste momento, neste momento histórico, ela está no auge, em um dos picos mais altos, de um processo especulatório, a partir de um aumento demográfico muito importante no planeta e das regiões centrais, as cidades polos, a partir de outros fenômenos de abandono de seus povos, de suas aldeias, de pequenas cidades onde não tiveram possibilidades de se desenvolver, (...). E aí encontramos que as cidades não têm um preparo, nem uma infraestrutura digna para poder receber esse impacto, essa massa, esse grande impacto que provoca essa massa, que vai chegando a esses territórios e se vão constituindo os espaços irregulares, com moradias irregulares, sempre falando dentro do conceito civilizatório controlador, né? Qualquer refúgio para um ser humano não é irregular, é natural, é necessário. Então a moradia é um elemento que, de grande conflitividade por esse super grau desumanizante e especulatório dos poderes econômicos (...)*

A fala de Eduardo encontra ressonâncias no pensamento de Maricato (2017) no que se refere ao “jogo da cidade” afirma que nossa sociedade faz um grande esforço para esconder a desigualdade urbana. Há uma parte da cidade, a parte “pobre”, que, compulsoriamente ilegal, não consegue entrar na legalidade, por não fazer parte do mercado. Aponta que essa parte é a maior parte dos municípios, e não uma minoria, com suas populações a ocupar as franjas da área metropolitana.

Tal desigualdade é possível de ser mapeada, na qual se pode perceber o Brasil como um dos países com maior índice de desigualdade da América Latina. Porém, a igualdade urbana não depende só de uma distribuição de renda. Maricato (2015) aponta ser fundamental também uma “distribuição de cidade”. Percebe essa questão como intermunicipal e regional. Ou seja, um município não daria conta sozinho de solucionar, por exemplo, a questão da mobilidade urbana, sistema de transportes, questão da água e do esgoto, destino de resíduos sólidos, entre outros. Precisa dos outros municípios da região para pensar junto. Porém, a lógica do individualismo do cidadão também vale para a cidade. Ela é reconhecida como um ente individual e presta contas

individualmente ao Estado. Esse ponto é um dos fatores a obstaculizar a constituição de redes intermunicipais para a resolução dos problemas urbanos na contemporaneidade.

Outra questão sobre o “negócio da cidade” refere-se ao preço de localização, aos diferentes valores que uma mesma casa pode ter em diferentes locais da cidade. A mesma casa pode custar até cem vezes menos se estiver localizada na periferia, denomina como renda imobiliária. “O valor altera conforme se faz investimentos em serviços públicos e privados”. Chama a atenção a clareza do entrevistado Eduardo, quanto à posição das peças do “tabuleiro” deste jogo, que redundam na precarização da moradia. Ao mesmo tempo, também apresenta clareza sobre o papel da resistir a esse jogo:

**Eduardo:** *Consideramos que o ideal seria construir esse mundo onde eles vivem ou sempre viveram, mas isso não é possível, na maioria dos casos não é possível, porque estamos condicionados a políticas públicas, políticas de interesses especulatórios, políticas de todo o tipo, políticas, que não tem nada que ver com essas necessidades urgentes, reais, das populações.*

Outro entrevistado, Carlinhos, também aponta discernimento sobre a complexidade do jogo da cidade:

**Carlinhos:** *Morar pra mim acho que é conhecer as pessoas, tentar entendê-las, elas também, cuidar uma das outras e tentar desenvolver atividades e que se essas atividades se encaixem, e também possibilite ferramentas pra elas também poder estar se refletindo no sentido de conhecer umas as outras e ao mesmo tempo fortalecer elas enquanto pessoas pra esse mundo todo que esta fora aí. Vários problemas sociais, políticos, econômicos, ideológicos, educacional, cultural e de lazer também. Que possibilite também ter esses espaços de educação, de cultura, de lazer, de estudo, de desenvolvimento em varias áreas e tal. De segurança também, no sentido de uma com as outras. Isso seria o morar.*

Carlinhos, também explicita, a partir de suas experiências pregressas com a moradia em outros locais, a importância das estratégias de resistência para que a moradia seja, além do espaço físico, um território de construção do ser humano:

**Carlinhos:** *Bom, uma por causa que no início se dá as discussões, e por já passar por todos esses territórios aí, e de bairros e tal [onde Carlinhos já morou]. Tem muito haver, de tentar aglutinar umas ideias no sentido de projeção que seria o ideal que é o que os outros territórios não se têm, das atividades e da vivência do cotidiano, e tudo mais, que acabaria resolvendo grandes e inúmeros problemas, pra poder ter essa convivência melhor no*

*sentido de moradia que não é só as casas e sim uma convivência melhor e construção do ser humano. E organização social. E de que também é uma das estratégias dos catadores, que não é só trabalhar, e sim também ter seu espaço de moradia, e uma vida melhor. Isso possibilitou de tá se engajando aí nessa ideia de querer tá participando do projeto.*

Já os outros três entrevistados apontam para dimensões mais referentes às condições de infraestrutura e de pertencimento de um ponto de vista mais pessoal:

**Bruno:** *morar é tu habitar em algum lugar que tu se sinta seguro, também, seguro, rodado das pessoas que gosta. Precisa ter os principais, água, luz. Tem que ter um espaço, uma segurança, vamos dizer assim, mais o convívio com as outras pessoas, uma rede de relações que se ajudem. Que nem eu moro hoje, mais ou menos, mas com a família, né? Mais ou menos assim, tá sempre se ajudando e coisa.*

**Renan:** *Moradia... [silêncio]... Acho que se sentir bem onde que tu tá. Moradia. Bom, Eu me lembro até os seis anos era uma moradia tranquila. Eu brincava na rua, os vizinhos conheciam, entendeu? Ali também é tranquilo, eu me sinto bem lá, eu conheço todos os vizinhos, não é aquela proximidade, né? Aquele respeito, mas me sinto bem lá.*

**Maria:** *morar acho que é tu ter a tranquilidade de chegar na tua casa e não pensar que é só a tua casa que é o teu morar, tem que ser todo o território, toda a volta da tua casa. Ter segurança, né, o direito de ir e vir, que é complicado no momento de hoje. Acho que morar é muito menos a casa e mais o território todo mesmo. Às vezes tu mora numa casa mais ou menos, mas tu não tem liberdade, né, o território em volta.*

As falas de Bruno, Renan e Maria referem-se mais às experiências de vida nessa moradia, que nos aproxima do conceito de território para Milton Santos (2006), em que o território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si, não é apenas o conjunto sistemas naturais e de sistema de coisas superpostas. O território usado é o “chão mais a identidade”, que seria o sentimento de pertencer aquilo que nos pertence: o território é o fundamento do trabalho; o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida.

Alguns enfatizam mais a dimensão do morar como o estreitamento de lações comunitários como forma e resistência (Eduardo e Carlinhos) enquanto Bruno, Renan e Maria, em suas entrevistas, referem-se a dimensões mais

personais e afetivas no referente à expectativa de se sentir pertencente à futura comunidade Orquídea.

Pode-se dizer que, nessas respostas dos entrevistados, são referidas diferentes dimensões sobre moradia. A ambivalência entre uma dimensão mais cognitiva e outra, referente a vivências, pertencimento aquele território.

## 5.2 CHEGANÇAS

### 5.2.1 “Ter algo de seu”

Ao serem convidados a participar de moradia popular projeto Orquídea Libertária, alguns entrevistados demonstram seu interesse, os primeiros pensamentos que tiveram quando aderiram a ele:

**Jelson:** *Me interessei em participar pra sair um pouco daquele mundinho, lá. Lá de fora. Pra vim pruma coisa que é minha. Que eu posso bater no peito, essa casa é minha, não é de ninguém. Por isso que eu me interessei pelo projeto.*

**Maria:** *No primeiro momento assim, eu pensei, num primeiro momento eu não entendi muito bem o projeto. Pra mim eu queria ter um cantinho que eu pudesse chamar de meu, assim. Aquela coisa meio individualista. Risos. Num primeiro momento foi bem isso, mas depois eu comecei a me identificar mesmo com o projeto. E vê que não era só a minha individualidade. Que era um projeto pra minha vida e pra vida das outras pessoas, né?*

Transparecem, na fala de Jelson e Maria e um desejo de participar da Orquídea para “ter algo de seu”. Poder-se-ia pensar que esse movimento de apropriação surge como efeitos do individualismo.

Bauman (2009), a partir dos apontamentos de Robert Castel, atribui ao individualismo moderno a necessidade do dever individual, do fazer por si mesmo. Essa necessidade surge pela substituição, ao longo da história, de comunidades solidamente unidas (pelo credo religioso, pelo laço consanguíneo, entre outras) e as corporações (por ofício, por serem súditos de um mesmo nobre, etc.), que definiam regras de proteção e controlavam sua aplicação dessas regras. Com o advento dos Estados Nacionais, em que nem Rei, nem Deus, nem a família assegurariam a continuidade da posse da terra e das

riquezas, é preconizado aos indivíduos que cuidem de si próprio e que façam por si mesmos.

Assim, pode-se pensar, inicialmente, que Jelson e Maria afirmaram que eram suas primeiras intenções quando decidiram participar do projeto de moradia popular, ter algo seu, resolver o seu problema de moradia, deixar de pagar aluguel. Porém, é interessante notar que tal individualismo talvez não tenha as mesmas características que as que caracterizam o sujeito do mercado imobiliário, que participa da acumulação de terra, dinâmica inerente do capitalismo.

As falas de Jelson e Maria parecem referir a partir de como a dinâmica do capitalismo os afeta, a partir de seus históricos de itinerâncias por vários bairros periféricos da região metropolitana, num pequeno excerto de um nomadismo urbano que assola populações que habitam as franjas das cidades.

Em suma, Jelson e Maria que raras vezes foram ou se sentiram “donos” de alguma coisa, quanto mais a terra em que moram. E veem, na Orquídea, uma possibilidade de realização e conquista deste direito. Porém, na fala de Maria já surgem manifestações dos processos de constituição da Orquídea como experiência comunitária que se desenvolveram ao longo do tempo e deram sinais de um projeto de vida.

### 5.2.2 Insegurança

Outra perspectiva que pode ter contribuído com o interesse em participar do projeto está relacionada com a questão da insegurança: o aumento da violência nas grandes cidades que, direta ou indiretamente, tem afetado os participantes e suas rede de relações. Essa questão manteve-se latente e perpassou as entrevistas, e pode ser explicitada nas falas de Maria e Bruno:

***Maria:** Eu imagino meus filhos tendo uma liberdade né, maior do que eles têm hoje, podendo estudar com mais tranquilidade, praticar esporte, lazer, coisa que no momento não é muito fácil, pela violência que tá instalada, principalmente lá onde a gente mora... Acho que é um dos bairros mais violentos de Gravataí, não sei se é a realidade ou se é... Mas tá entre os bairros mais violentos de Gravataí. Ao longo do tempo, quando eu fui morar lá não era tanto, mas ao longo do tempo, conforme foi crescendo a cidade a violência foi aumentando.*

**Bruno:** *E morei uns quatro meses no Rincão da Madalena, só que pela violência e tráfico e coisa, daí acabei saindo, porque era muito violento. Não tinha como descansar nada, sempre preocupado, né. Daí ficava meio estranho. Mas quem morava lá já dizia que era normal, aquilo dali é coisa, mas pra mim não era normal ainda, tanta coisa.*

Concordando com Bauman (2009), percebe-se que a sensação de insegurança causa um sentimento geral de medo, desconfiança, de suspeitar dos outros. Atribui-se tais medos ao incremento das relações individualistas na sociedade contemporânea, na medida em que laços de parentesco ou vínculos amigáveis estabelecidos dentro de uma comunidade foram fragilizados ou até rompidos.

Também se relaciona com o que Bauman (2009) aponta como sendo a percepção de que o medo na cidade aumenta quando se é, forçosamente, levado a perder seus hábitos de vida. Isso aparece nas falas dos entrevistados, que mencionam ter que se mudar de bairro repentinamente ou abandonar as práticas de esporte e lazer, aumentando o grau de incerteza e desestabilização em referência ao ambiente urbano.

Cabe realçar que que Bauman (2009), em seu escrito, refere-se à insegurança e ao medo muito mais a partir da camada da população que tem recursos financeiros, pelo fato de que são eles que produzem as cidades, são eles que se isolam e constroem fortalezas. Percebemos com as entrevistas que a população de baixa renda também está insegura a partir, principalmente, a escalada de violência promovida pelo tráfico de drogas. Esse achado precisa de mais detalhamento, mas parece apontar a violência como fator importante como gerador da insegurança em toda população, independente de estrato socioeconômico, que habita a cidade.

O aumento da violência, e mais, os fatos que estão ocorrendo com pessoas relacionadas as entrevistadas ampliou o sentimento de insegurança, gerando uma desconfiança generalizada. Especialmente, as pessoas têm ficado mais presas, mas também tem criado um imaginário que na Comunidade Orquídea esse sentimento será diferente. Seria uma projeção de um imaginário necessário para seguir acreditando em algo melhor possível.

### 5.3 POTÊNCIAS DA COMUNIDADE

O conceito de comunidade, conforme já visto neste trabalho, é caracterizado por ser um campo de tensionamentos e por sua polissemia na atualidade. Ele também foi mencionado e tematizado pelos proponentes do projeto de moradia popular Orquídea Libertária, dialogando com o significado popular da “nossa comunidade” e uma busca por identidade coletiva, como relata o proponente Eduardo:

**Eduardo:** [...] tentando criar uma consciência de autodeterminação que de alguma maneira autoconfiança e a autoestima que as pessoas pensem, a sociedade pense, que sim é possível, a partir da unidade dessa sociedade, desse coletivo, em procura de um bem comum, que se é possível aproximar-se de um resultado que possa ser favorável para todos o entendimento dentro desse grupo. [...] O conceito comunidade é porque nós, de alguma maneira tentamos de que se compreenda dentro desse imaginário popular [...] estamos falando comunidade dentro de um imaginário popular, que é onde um transita nos bairros, das periferias, eles se identificam como nossa comunidade.

Eduardo, nas palavras chaves ao explicitar porque foi escolhido essa nomenclatura “comunidade”, para denominar o projeto, destaca questões relacionadas a bem comum, unidade e autoconfiança, como algo a ser construído, tentando que haja nesse grupo uma consciência de autodeterminação. Explicita melhor o que significa essa autodeterminação:

**Eduardo:** A autodeterminação é que cada sociedade, cada núcleo social que tenha sua identidade e tenha seu objetivo com respeito a sua vida em conjunto, tanto seja pela grande participação, por consenso, que é algo muito distante neste momento, ou por uma corrente de opinião majoritária, de simpatia e apoio, de que nós queremos ser e as pessoas querem ser, digamos, os artífices, sem nenhum tipo de coerção em suas determinações sócio econômicas e não estar dependendo de poderes ou de interesses que não correspondam a suas próprias vidas individuais e coletivas.

Ao caracterizar essa comunidade, Eduardo traz essa perspectiva da participação, buscando a não coerção dentro deste território, refere-se ao que Bauman (2009) coloca sobre as questões locais, onde moram, que se luta para conquistar um lugar descente para viver, como sonhos e esperança. Essa

dimensão de construir o que se acredita vai de encontro a essa busca por autodeterminação, autoconfiança coletiva.

Outros três entrevistados, que participam ativamente do projeto e serão futuros moradores da comunidade também abordam esse significado:

**Maria:** *Acho que comunidade, na realidade, a vida é uma comunidade, mesmo que não se trate como, tudo é uma comunidade, né? Uma comunidade escolar, no trabalho, quando tu trabalha também é uma comunidade, mas só que o sentido da palavra comunidade, eu acho que é aquela coisa das pessoas se unirem, se cuidarem, se ajudarem, se protegerem. Pra mim o sentido de comunidade é esse. Não sei se é o que é mesmo. (risos).*

Na fala de Maria, ao abordar a questão da comunidade, concorda com Bauman (2003) quando diz que mesmo que não se saiba muito bem seu significado sempre remete a algo bom, imaginando um lugar calmo, aconchegante, um lugar protegido, remete a uma sensação de prazer fazendo com que se queira estar numa comunidade ou ser de uma comunidade. Maria traz na sua fala essas dimensões da comunidade como lugar do unir, cuidar e proteger, que também aparecem nas falas de Carlinhos e Bruno:

**Carlinhos:** *Comunidade pra mim é uma junção de várias pessoas, de crianças, adolescentes, idosos, jovens, solteiros, casados, ou seja, várias pessoas, no sentido de ter união nas atividades, união no querer participar, ter vontade de participação, certo? E de se esforçar pra ter uma vida melhor. E de um cuidar do próximo. Dá pra se dizer bem assim. Isso seria uma comunidade.*

**Bruno:** *Comunidade é onde todo mundo mora num ambiente, num ambiente junto, em casas separadas, mas num conjunto, todo mundo junto. Pra se ajudar, se apoiar, fazer as coisas de forma coletiva.*

Carlinhos e Bruno seguem adjetivando a comunidade como um lugar de união, participação, cuidar, se apoiar, de se esforçar para ter uma vida melhor. Do conjunto, de fazer as coisas juntos, coletivamente. Essas características corroboram apontamentos de Bauman (2003), que afirma que na comunidade há segurança, confiança. É na comunidade que as discussões ocorrem para melhorar algo em comum. O sentimento que comunidade evoca segurança e confiança, justamente o que se sente falta na atualidade.

Como afirma Bauman (2009) é nos lugares que se forma a experiência humana, que ela se acumula, é compartilhada, e que seu sentido é elaborado, assimilado e negociado. E é nos lugares, que os desejos se desenvolvem, ganham forma, alimentados pela esperança de realizar-se. Para os futuros moradores da comunidade, imaginam que será esse lugar da experiência compartilhada, da interação, de alimentar as esperanças. Projetam um futuro mais coletivo, partilhado, melhor para sua família seus filhos.

Não se trata somente de um terreno transformado em mercadoria, que se tem e que se pode comercializar. As falas dos entrevistados apontam, talvez, para um anseio, o de utilizar o projeto Orquídea para um enraizamento, através da posse da terra, em uma experiência comunitária. Isso implica um grau de participação mais amplo que simplesmente pagar por sua cota, mas da vinculação da moradia popular com um projeto de vida, conforme as declarações dos entrevistados.

## **5.4 EXPECTATIVAS**

### **5.4.1 Na convivência: diferenças/diversidade**

Perpassando o imaginário dos entrevistados na construção de um futuro na Comunidade Orquídea Libertária, apareceu a questão da diversidade, da convivência com o diferente. Mesmo que estejam sendo desenvolvidas atividades promovendo a integração das futuras famílias que vão morar na comunidade, há uma preocupação quanto ao momento de chegada na futura moradia e como será essa convivência.

Nas entrevistas, os futuros moradores da Comunidade Orquídea ressaltaram a questão da diversidade:

**Maria:** *Eu acho que vai ser diferente, não vou dizer que vai ser fácil. Porque são pessoas diferentes morando num mesmo lugar, num mesmo território, eu acredito que vai ser muito melhor a minha vida daqui a cinco anos do que agora.*

**Bruno:** *vai se complicado, que nem todo mundo aceita essa forma de viver junto. Vai ter bastante conflito, mas igual, algumas pessoas vão se colocar junto. Mas é difícil de tu imaginar. (risos). Vai ser bem diferente. Bem dizer, eu penso em morar em comunidade, mas bem dizer eu quase moro individual.*

*Uma comunidade diferente, familiar. E morar numa comunidade onde tem pessoas diferentes, com pensamentos diferentes, vai se, bem dizer, novo né? Eu não passei uma vivência assim ainda né? Vai ser bem diferente.*

**Carlinhos:** *No início eu acho que, por mais que tenha vários problemas aí, no início acho que vai ser meio tumultuado, até se ajeitar, as pessoas em cada cômodo, por mais que vai se ter uma organização, tudo mais, ela vai meio que, não vai se dar um choque mas, no início vai ter um comparativo, do que saiu, de onde é o seu território, que é totalmente diferente, pruma coisa nova. Mas no meio da caminhada, vai se ajustando, sendo que vai ter seus espaços de, dá pra se dizer de diálogos, de acordos e tal, que é toda uma estruturação que se faz, na parte da organização social. Que é por exemplo a assembleia, grupos de trabalho, enfim.*

Bauman (2009) aponta a possibilidade de ser diferente e viver junto através da aceitação, apreciação e empenho no diálogo. Ressalta que é possível fazer isso cotidianamente, pode-se aprender a arte de viver com a diferença, respeitando-a, salvaguardando a diversidade de um e aceitando a diversidade do outro. A expectativa da comunidade é que essa possibilidade ocorra, conforme fica explicitado na fala de Carlinhos que ocorrerão assembleias e outras atividades que proporcionarão o diálogo e a resolução de conflitos.

Bauman (2009) utiliza o termo mixofilia como um forte interesse, uma propensão, um desejo de misturar-se com as diferenças, com os que são diferentes de nós. Percebe como natural do ser humano a vontade de se misturar com o diferente como possibilidade de coisas interessantes e fascinantes que poderiam acontecer.

Outros dois entrevistados também perpassam em suas falas a expectativa da convivência na nova comunidade:

**Renan:** *Eu não conheço muita gente ainda né? Por mais que eu já tenha vindo algumas vezes aqui, não conheço todo mundo entendeu? Então eu não tenho uma visão completa de como vai ser bem exatamente. Mas pelo pouco que eu conheci das pessoas, assim, no convívio que a gente vai tendo, acredito que vai ser um convívio tranquilo.*

**Jelson:** *Onde cara faz amizade não tem erro. Faço amizade. Amizade manda tudo. Não tem problema.[...] . Não te que chegar aqui e me cuidar com vizinho. Não vou ter que me cuidar com ninguém, né? Já vou conhecer todos.*

Já nas falas de Renan e Jelson, talvez por não estarem envolvidos diretamente na organização do projeto, não tenham percebido ou focado na

diversidade como possível geradora de conflitos, acreditam que essa futura convivência será tranquila, ressaltando a importância da amizade.

Bauman (2009) considera que essa abertura para o convívio com o diferente possibilita que se viva algo precioso, algo que não se conhecia antes daquele momento. Enfatiza que é possível fazer novos amigos, bons amigos, que estarão conosco pela vida inteira, como comemora Jelson em relação a amizade afirmando que a “amizade manda tudo”.

Assim como Bauman, os futuros moradores percebem que haverá diferenças entre as pessoas, mas acreditam que isso não será empecilho para que resulte em um resultado positivo. Perceber e aceitar a diversidade podem ser um sinal de abertura em que possibilitará superar os desafios da convivência cotidiana. Há uma expectativa em que haverá conflitos e será necessário reinventar uma nova organização social, mas como aponta Maria, mesmo que não seja fácil, imagina uma vida melhor no futuro.

#### 5.4.2 Como será morar na comunidade?

Ao serem questionados sobre o imaginário de como será morar na comunidade que está sendo construída, alguns entrevistados relatam de forma positiva:

***Carlínhos:** Em primeiro lugar, acho que um prazer enorme, de tá junto com uma companheirada que já tentou e tenta até hoje, buscando pra ter uma nova forma de organização social no sentido de moradia mesmo. [...] E até pras pessoas e até pra futuramente tu dizer, putz, consegui tirar pelo menos uma parcela, dessas pessoas que moram em vários territórios, elas vão te a oportunidade de construir algo novo, que não é aquilo que tá na sociedade aí, que a gente vê que é vários territórios que falta isso falta aquilo. E muitas vezes tu não conhece nem o vizinho da tua rua que mora anos e anos e tal. Ou seja, o Orquídea vai acabar possibilitando isso, de enxergar um ao outro, e de que nos somos todos iguais, por mais que um tenha um tênis melhor o outro anda descalço ou de chinelo, enfim. E de tentar se aproximar melhor, de construir uma vida melhor.*

***Jelson:** Vai se legal. Eu sonho com isso daqui. Eu sonho com isso daqui ainda. [...]É que vai da outra infraestrutura pro povo, né? Melhorar a criação dos filho, vai dá outro rumo pra vida dos pais também. Ah vai se bom. Vai muda bastante coisa. Vai se bem melhor. Vai se melhor na educação.*

Bauman (2009) aponta que há um desejo de resistir as consequências da globalização com um mundo que se mostra selvagem, imprevisível, ameaçador. Essa obsessão deriva do desejo, consciente ou não, de recortar para nós mesmos um lugarzinho suficientemente confortável, acolhedor, seguro. Esse desejo de um lugar mais seguro e confiável para se viver aparece nas falas dos entrevistados, que além de desejarem, estão construindo conjuntamente esse território.

Além de adjetivar positivamente essa futura experiência enfatizando o sonho e a confiança, nas falas de Renan e Maria também aparece a questão do processo de aprendizagem que está ocorrendo e que ocorrerá com a construção da comunidade:

**Maria:** *Acho que essa coisa da gente se olhar nos olhos mesmo, conviver, ter alguém que tu possa confiar, que tu possa contar, vamos dizer assim, na hora de trabalhar, na hora de lazer, em todas as horas. Poder se aproximar mais das pessoas. [...] Na realidade já mudou um monte de coisa, eu passei de ser uma pessoa que ia e voltava do trabalho e agora eu já consigo ter um pouco de autonomia, já aprendi muita coisa com o projeto, nessa coisa de tá como educadora popular. Na realidade eu tô sendo educada, né? Não vou dizer educada, mas tô abrindo meus olhos. Eu já aprendi muito, acho que vai se bem melhor porque eu vô tá com a mente mais aberta. Pra poder encarar as dificuldades, pra poder lutar pelas coisas que eu quero.*

**Renan:** *Acho que a gente também vai aprender muito com isso. [...] Eu pensei será que até lá eu não me formo em alguma coisa que eu possa ajudar aqui dentro também? E desenvolver com as crianças? Eu já pensei nisso. Alguma coisa que me interesse que eu possa repassar? Algum curso, alguma coisa? Eu já pensei nisso daí.*

Maria e Renan trazem esse imaginário permeado de processos educativos que tem ocorrido na comunidade e que estão dispostos a seguir deixando que a experiência nesse laboratório de vivência cotidiana seja de aprendizado, para que resulte nesse lugar que enunciam de mais confiança, proximidade entre as pessoas, que já não se tem atualmente.

Dialogando com esta temática, Bauman (2009), mesmo após enfatizar a forte influência e determinação da globalização, aponta uma brecha sinalizando que é no espaço local, da vivência cotidiana que funciona como um laboratório nos quais se descobrem, experimentam e aprendem certos requisitos indispensáveis para a solução dos problemas globais. Com um ar de um pouco

menos de pessimismo, afirma que nesses territórios do cotidiano podemos dar nossa contribuição aprendendo essa arte que será indispensável para construir uma coexistência segura, pacífica e amigável no mundo inteiro.

Parece-nos, a partir das falas sobre o futuro na comunidade, que a Orquídea seria, em princípio, esse lugarzinho acolhedor, que se opõe a globalização. É possível perceber que os participantes do projeto, de forma bem semelhante, imaginam que a comunidade será esse lugar protegido das maldades externas, seguro, confortável, que será possível confiar.

### **5.5 A ORQUÍDEA COMO PROJETO DE VIDA**

Durante as entrevistas, apareceu nas falas dos entrevistados a dimensão do projeto da Comunidade Orquídea Libertária, como “projeto de vida”. Não havíamos questionado nada sobre isso, mas nos pareceu relevante refletir sobre isso já que apareceu em diversas falas. O proponente Eduardo trata dessa questão afirmando que o projeto não se trata de “simplesmente fazer a casa”, já trazendo a noção de que seria um projeto de vida:

***Eduardo:** E a proposta desses territórios, quando nós nos comprometemos não é simplesmente de fazer a casa, que claro que é importante como essa necessidade que falei a princípio, mas ela não tá enquadrada dentro de uma área de propriedade ou de benefício econômico, [...], quando se toma a responsabilidade, de colocar uma ideia de projeto de vida, apontando a médio e longo prazo, a construção, essa força para poder construir uma nova visão de mundo pra pessoas que estão muito longe de ter consciência do que seria uma dignidade civilizatória estabelecida pelo sistema, dentro da área territorial, onde abrange o que falamos, educação, saúde, segurança, trabalho, geração de renda, lazer, esporte, tudo o que possa colaborar nessa dignidade.*

***Carlínhos:** O Orquídea, ele não é apenas uma casa né? Casa tu encontra em qualquer lugar ou faz em qualquer lugar, na beira da rua, ou em qualquer lugar. O Orquídea quando a gente vai explicar assim pra pessoa de que é um condomínio, a onde ele é um projeto de vida, que é além das casas. Esse além das casas é o que? É ter uma convivência melhor, ou pelo menos se esforçar e um desafio de se entender um ao outro, de ter espaço de educação, de ter espaço de lazer, de ter espaço da preservação da natureza [...] E de ver que vai ter possibilidades de crescer no sentido ambiental, educacional, talvez economicamente, sendo que a questão econômica ela necessária, mas*

*também não se prevalece acima de tudo. E politicamente, socialmente também falando. E de crescer enquanto pessoa. Enquanto humano mesmo.*

Carlinhos corrobora com Eduardo trazendo as dimensões de integralidade do projeto, relacionando que no território terá a preocupação com as áreas da educação, saúde, lazer, econômica, política, de ser um espaço em que o ser humano possa se desenvolver dignamente. Os outros dois entrevistados, Bruno e Maria, trazem também a noção de projeto de vida, enfatizando a relação pessoal:

**Bruno:** *é um projeto de vida, bem diferenciado do que a gente vê hoje né? Em todos os lados, as pessoas, todo mundo se isolando, cada um na sua casa. O projeto em si, se torna bem diferente do que as pessoas veem em morar, cada um no individual e coisa né? É um projeto que reúne mais as pessoas, pro apoio mútuo, fazer as coisas unidas, que sozinho, no individual muitas coisas a gente não consegue, todo mundo junto a gente pode conseguir varias outras coisas que também estão com precariedade, né?*

**Maria:** *eu chamo de projeto da minha vida, assim. [Risos]. Eu chamo pelo nome do projeto mesmo. Mas quando eu vou explicar, eu falo que é meu projeto de vida, é um sonho que eu quero realizar e o que eu quero deixar um fruto, assim pros meus filhos, que talvez eu não venha a aproveitar tanto desse projeto quanto eles, né? E que vá se passando deles pros filhos deles. Infelizmente ou felizmente, vamos dizer, quando tu pensa um projeto, tu pensa no teu filho né? Na melhoria de vida deles, porque a gente não teve uma vida muito fácil, daí a gente sempre acha que pros filhos da gente tem que ser diferente. [...] Eu falo Orquídea Libertária, eu sempre quando eu comento sobre o projeto eu falo que é um projeto de vida mesmo, diferente, que é uma vida diferente que a gente tem lá fora, na vila. Incluindo todos, mas como é que eu posso dizer, que a gente possa se apoiar mais um no outro. E viver em comunidade mesmo [...] Acho que a primeira coisa que teria que ter é a união das pessoas dos arredores, que hoje tá tudo muito individualizado, cada um por si, ninguém mais se preocupa com ninguém. Complicado. É cada um dentro da sua caixinha e não importa se o outro tá bem ou tá mal, né?*

Velho (2003) traz a noção de projeto como uma conduta organizada para atingir alguma finalidade, antecipando uma futura trajetória do sujeito. Lembrando que esse processo não é linear, pois está relacionado com outros fatores que interagem, é influenciado pelo campo de possibilidades desse indivíduo. Esse campo de possibilidades são as alternativas que o sujeito tem a partir de seus processos sócio históricos, inseridos na cultura e sociedade. Nisso, o indivíduo apresenta um potencial de metamorfose, em que pode alterar

os projetos ao longo de sua trajetória, negociando sua realidade dialogando com outros projetos coletivos, que por sua vez não são homogêneos, e sim passíveis de reinterpretações. Os sujeitos são capazes de reinventar a vida social, mas por mais que exista a capacidade de escolha, ela estará ancorada em um conjunto mais abrangente de valores e representações sociais (VELHO, 2003).

Parece-nos, que os futuros moradores, que muito foram “empurrados” pelo jogo das cidades estão, nesse momento, se sentido “escolhendo” e “construindo” um projeto de vida, mesmo que influenciados pelo meio e pela organização social que propõe o projeto de moradia popular. O momento “de espera”, de certa maneira, parece permitir que essas pessoas vão construindo junto, coletivamente, desde o desenho das casas à concretização destas, perpassando pelas relações sociais.

Parece que o projeto da comunidade que vem sendo construída tem a intenção de reconstruir valores sociais e propor um enraizamento comunitário, diferentemente do sistema atual de fragmentação imposto. Trata-se, de certa maneira, uma busca por uma utopia que, com o processo de conscientização e de prática dos moradores na organização do trabalho e da vida social poderá, espera-se, ser de fato concretizada.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imersão da pesquisadora em campo e a relação próxima com os participantes do projeto da Comunidade Orquídea Libertária propiciou a formação de um coletivo de pesquisa para a realização deste exercício de pesquisa. As questões foram debatidas e alteradas conforme o andamento do processo e sendo influenciadas pelo contexto da vivência cotidiana.

Participar do processo de constituição de um projeto de moradia popular trouxe-nos a possibilidade de tentar captar o significado desse processo para os participantes a cerca das noções sobre moradia e comunidade, e o quanto esse processo tem gerado novos aprendizados.

Entre os processos educativos que surgem dessa experiência, como a própria construção da comunidade, foi o grupo de estudos para o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos– (ENCCEJA). Com o retorno da prova do ENCCEJA, para certificação do ensino fundamental e médio, o coletivo ativo da Orquídea propôs a organização de um grupo de estudos durante os finais de semana, com a intenção de conhecer a prova.

Foi realizado nos meses de agosto e setembro um grupo de estudos auto-organizado com leitura de apostilas, vídeo aulas e realização das provas conjuntamente, entre beneficiários e apoiadores. Um processo de empoderamento e educação não formal, que impactou nas expectativas para o futuro. Foi uma experiência interessante, pois cada um participou com suas ideias para compor a metodologia e apareceram boas expectativas, como saudade da escola, vontade de concluir os estudos para realização de cursos técnicos e futura universidade. Os que realizaram a prova (alguns não conseguiram ir por falta de recursos para o transporte, pois ficaram em colégios longe que tinha que pegar dois ônibus) estão bem otimistas aguardando o resultado.

Em futuras observações seria interessante pesquisar os próximos períodos, em que iniciará as obras da comunidade, e ainda o processo de mudança física das famílias para a nova moradia, o que possibilitaria captar maiores detalhes e aprofundamento dessa construção coletiva.

Os limitadores deste estudo derivam do fato ao número reduzido de entrevistados. Por serem poucos, o presente estudo apresenta um recorte. Porém, embora não possam captar toda a diversidade de vozes, as vozes apresentadas potencializam uma análise deste recorte. Com certeza, a multiplicidade de sentidos sobre o que é moradia e as percepções do que é comunidade seriam bem mais complexas, se tivéssemos oportunidade de ouvir a todos.

Um processo gerador de aprendizados, isso sem dúvida. A função educativa deste projeto pode-se inferir, após a análise dos dados, que esse movimento que se expressa nas ações dos envolvidos no projeto Orquídea Libertária, configura um certo tipo processo educativo. É o que apontam as respostas dos entrevistados uma vez que, ao analisar nas ações de como organizar o trabalho, as atividades internas e a vida social das pessoas e famílias envolvidas, participantes e proponentes vão se modificando e modificando suas concepções do que é morar e do que é comunidade ao longo de participação no projeto.

Um processo educativo difícil de caracterizar, pois, às vezes propostos pela cooperativa, outras vezes pelos participantes, ele estaria nas franjas entre a educação informal e a educação não-escolar. Mas ao mesmo tempo essencial, por trazer compreensões e saberes não circunscritos aos currículos escolares oficiais, mas pertencente às dinâmicas da vida social que perpassa às escolas. Se a Educação, sobretudo, para pautar estratégias de ensino e aprendizagem pautada no diálogo, deve ouvir e aprender com os sentidos produzidos sobre “coisas da vida e da escola”, em outros espaços que não o escolar.

Neste trabalho, aprendemos que a comunidade é uma construção, neste momento menos em concreto e mais em relações interpessoais, o desenvolvimento desta pesquisa também está sendo. Foi ao longo do processo e mais para o final que pudemos perceber o processo educativo que permeava a construção da comunidade. Ao buscar o sentido e significados de comunidade e de moradia para um grupo de pessoas envolvidas no projeto de moradia

popular Orquídea Libertaria é que fomos percebendo o quanto esses significados mudaram ao longo do tempo, principalmente para os beneficiários do projeto, e essas mudanças se deram através dos processos que ocorreram, gerando um aprendizado coletivo capaz de alterar as significações, comprometimento e expectativas.

Os tempos de conclusão e aprovação do projeto arquitetônico, os tempos da burocracia, que gerou um atraso no início das obras, funcionou como a parábola “el niño y la copa”.

A parábola de José Enrique Rodó representa a superação de uma ação frustrada no desconhecimento dos elementos intervenientes. Uma criança inocente que descobre o som melodioso do cristal com um o movimento do junco na taça, o qual provoca uma sensação de prazer. Decide inovar a brincadeira e encher a taça de areia para experimentar um novo som. Sem o resultado esperado, ao perceber que não emitia mais o som, ficou frustrado. Levanta o olhar, procurando uma resposta encontra uma linda flor, a qual coloca na taça criando uma figura simbólica e a levanta em símbolo de vitória.

Foi esse “atraso” nos trâmites burocráticos que proporcionou esse tempo de aprendizados coletivos, de mudanças metodológicas, de criar novas atividades, para superar as aparentes frustrações, recorrendo a reflexão e ação dialética e dialógica, prosseguindo o caminho e colocar “*la flor en la copa*”.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Leila M.B. Comunidade e Sociedade: Conceito e Utopia. Raízes, Paraíba, Ano XVIII, Nº 20, pp. 50 – 53, novembro 1999.

BAUMAN, Zygmunt. Confiança e Medo na Cidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

\_\_\_\_\_. Comunidade: busca pela segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

CASTRO, Marcelo. Conversões de Abandonos: Autonomias, Utopias Urbanas. 2015. P.358. Mestrado. PROPUR, UFRGS, 2015.

DELUCA, G.; ROCHA-DE-OLIVEIRA, S.; CHIESA, C. Projeto e Metamorfose: Contribuições de Gilberto Velho para os Estudos sobre Carreiras. RAC, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, art. 4, pp. 458-476, Julho/Agosto 2016.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. CENSO DEMOGRÁFICO 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Documento disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em 15 dez.2017

FIESP. Levantamento inédito mostra déficit de 662 milhões de moradias no Brasil. Disponível em: <[www.fiesp.com.br/noticias/levantamento-inedito-mostra-deficit-de-62-milhoes-de-moradias-no-brasil/](http://www.fiesp.com.br/noticias/levantamento-inedito-mostra-deficit-de-62-milhoes-de-moradias-no-brasil/)>. Acesso em: 3 jan. de 2018.

MARICATO, Ermínia. Dimensões da Tragédia Urbana. ComCiência, São Paulo, v.29, p.18-24, 2002.

\_\_\_\_\_. Para Entender a Crise Urbana. CaderNAU-Cadernos do Núcleo de Análises Urbanas, v.8, n. 1, p. 11-22, 2015.

MELANCOLIA na Desigualdade Urbana Ermínia Maricato. Café Filosófico PFL. Campinas: Instituto CPFL, 2017. 47'25". Disponível em: <[www.youtube.com/watch?v=85DwL\\_ZIEew](http://www.youtube.com/watch?v=85DwL_ZIEew)>. Acesso em: 8 de out. 2017.

PAZ, Rosângela. Fundo Nacional de Moradia Popular: Marco Histórico de Participação da União dos movimentos de Moradia de São Paulo. 1996. P.182. Mestrado - PUCSP, São Paulo, 1996.

SANTOS, Boaventura de S. (org). Democratizar a Democracia: Os caminhos da Democracia Participativa. Porto: Edições Afrontamento, 2002.

SANTOS, Milton; BECKER, Bertha K. (org). Território, Territórios: Ensaio Sobre o Ordenamento Territorial. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da Pesquisa-ação. 16. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

TRINDADE, Maria A. F. Comunidade e Sociedade: Norteadoras das Relações Sociais. FARN, Natal, v.I, n.I, p. 165 – 174, Jul./dez 2001.

VELHO, Gilberto. Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

WEISSHEIMER, Marco. Nosso Grande Problema Não é o Déficit de Moradia, mas sim o Déficit de Cidade. Disponível em: < [www.sul21.com.br/jornal/nosso-grande-problema-nao-e-o-deficit-de-moradia-mas-sim-o-deficit-de-cidade/](http://www.sul21.com.br/jornal/nosso-grande-problema-nao-e-o-deficit-de-moradia-mas-sim-o-deficit-de-cidade/) >. Acesso em: 3 jan. 2018.

## **ANEXOS**

### ***ANEXO 1 – ROTEIRO DAS ENTREVISTA***

Dados pessoais: nome, idade, profissão/ocupação, onde mora.

Tu sempre moraste nesse bairro?

Pode me contar um pouco sobre onde tu já moraste, que bairros e como eram esses bairros?

O que é morar pra ti?

O que precisa ter para ser uma moradia?

Onde tu já moraste? Como era essa moradia?

Quando vais contar para alguém como tu chama o projeto?

Como conheceu o projeto?

Por que te interessou em participar/ te inscrever?

Com quem tu vai morar?

O que é comunidade pra ti?

Como tu acha que será a comunidade?

Como tu acha que será morar nessa comunidade?

O que tu acha que vai mudar na vida tua família?

Pode imaginar como será a tua vida daqui a cinco anos?

### ***ANEXO 2 : ÍNTEGRA DAS ENTREVISTAS***

**Maria Helena**

Entrevista realizada em 27/09/17 na Orquídea Libertária.

Sou Maria Helena, tenho 49 anos, educadora popular, moro no Rincão da Madalena.

Tu sempre moraste nesse bairro? Não. Pode me contar um pouco onde tu já morou.

Vou ter que contar tudo? Risos. Nasci e me criei na Vila Kedy em Porto Alegre, na época era uma vilinha bem pequenininha, rodeada de campo, com uma granja de arroz em volta, onde é o Iguatemi hoje. Depois me mudei pra Canoas, também quando eu cheguei lá era uma vilinha bem pequena, com bastante campo, agora é uma baita duma cidade, né? Depois me mudei pra outra vila em Canoas, em outra vila, a Vila Natal, também era uma vila pequena, hoje tá bem grandona, eu acho que é isso. Depois eu vim pra Gravataí. Faz quinze anos que eu moro em Gravataí. Em Porto Alegre era como se fosse o interior, bastante área verde, poucas casas, em Canoas no início era campo, bem plaino, bastante campo aberto. Ao longo foi se renovando, hoje tem pronto socorro, tem polícia. No lugar onde que era campo, hoje é onde tem a brigada militar, tem o corpo de bombeiro, albergue, pronto socorro. Tudo onde eras os campo né? Foi crescendo a cidade eu ainda tava lá. Em Canoas, onde eu morava antes de vir pra cá, que era em outro lugar, não era no primeiro, era tudo chão batido, não tinha asfalto. No lado da frente da casa da minha mãe, que eu morava com a mãe, era granja de arroz, hoje é um loteamento, mudou bastante também. Depois que eu vim pra cá que começou a mudar, né?

Era bem, bah é incrível né? (risos). Era ... O bairro também era bem diferente, nesses quinze anos mudou um monte de coisa. Tem loteamento, que antes era campo também. Tá crescendo bastante.

Morar acho que é tu ter a tranquilidade de chegar na tua casa e não pensar que é só a tua casa que é o teu morar, tem que ser todo o território, toda a volta da tua casa. Ter segurança, né? O direito de ir e vir, que é complicado no momento de hoje. Acho que morar é muito menos a casa e mais o território todo mesmo. Às vezes tu mora numa casa mais ou menos, mas tu não tem liberdade, né? O território em volta... Sim, a questão da violência.

Acho que a primeira coisa que teria que ter é a união das pessoas dos arredores, que hoje tá tudo muito individualizado, cada um por si, ninguém mais

se preocupa com ninguém. Complicado. É cada um dentro da sua caixinha e não importa se o outro tá bem ou tá mal, né?

Comparando com as moradias anteriores: eu não sei, mas eu acho que era bem melhor, na época que eu morava em Porto Alegre, principalmente, por ser uma vila pequena, todo mundo se conhecia, todo mundo se ajudava. A vida era bem mais simples, a gente tinha dificuldade, mas parece que o povo era mais unido assim. Era mais uma comunidade mesmo, lá onde eu morava do que agora, as pessoas são mais fechadas, né?

Projeto: eu chamo de projeto da minha vida, assim (Risos). Eu chamo pelo nome do projeto mesmo. Mas quando eu vou explicar, eu falo que é meu projeto de vida, é um sonho que eu quero realizar e o que eu quero deixar um fruto, assim pros meus filhos, que talvez eu não venha a aproveitar tanto desse projeto quanto eles, né? E que vá se passando deles pros filhos deles. Infelizmente ou felizmente, vamos dizer, quando tu pensa um projeto, tu pensa no teu filho né? Na melhoria de vida deles, porque a gente não teve uma vida muito fácil, daí a gente sempre acha que pros filhos da gente tem que ser diferente.

Eu falo Orquídea Libertária, eu... sempre quando eu comento sobre o projeto, eu falo que é um projeto de vida mesmo, diferente, que é uma vida diferente que a gente tem lá fora, na vila. Incluindo todos, mas como é que eu posso dizer, que a gente possa se apoiar mais um no outro. E viver em comunidade mesmo.

Porque escolheram esse nome? Tem que falar isso? (Risos). Orquídea é por que tinha algumas orquídeas no terreno, e aí a gente pensou em Orquídea Libertária pra, não sei se a palavra certa é homenagear ou o que, pra homenagear uma companheira catadora que perdeu a vida por violência doméstica.

Eu conheci através do Movimento Nacional dos Catadores de Material Recicláveis, através da Cootracar, a cooperativa de Gravataí, eu trabalhava como catadora. No primeiro momento assim, eu pensei, num primeiro momento eu não entendi muito bem o projeto. Pra mim eu queria ter um cantinho que eu pudesse chamar de meu, assim. Aquela coisa meio individualista (risos). Num primeiro momento foi bem isso, mas depois eu comecei a me identificar mesmo com o projeto. E vê que não era só a minha individualidade. Que era um projeto pra minha vida e pra vida das outras pessoas, né?

Vou morar eu e os meus três filhos.

Acho que comunidade, na realidade, a vida é uma comunidade, mesmo que não se trate como, tudo é uma comunidade, né? Uma comunidade escolar, no trabalho, quando tu trabalha também é uma comunidade, mas só que o sentido da palavra comunidade, eu acho que é aquela coisa das pessoas se unirem, se cuidarem, se ajudarem, se protegerem. Pra mim o sentido de comunidade é esse. Não sei se é o que é mesmo (risos).

Eu acho que vai ser diferente, não vou dizer que vai ser fácil. Porque são pessoas diferentes morando num mesmo lugar, num mesmo território, eu acredito que vai ser muito melhor a minha vida daqui a cinco anos do que agora.

O que vai mudar: acho que essa coisa da gente se olhar nos olhos mesmo, conviver, ter alguém que tu possa confiar, que tu possa contar, vamos dizer assim, na hora de trabalhar, na hora de lazer, em todas as horas. Poder se aproximar mais das pessoas.

Eu imagino meus filhos tendo uma liberdade né? Maior do que eles tem hoje, podendo estudar com mais tranquilidade, praticar esporte, lazer, coisa que no momento não é muito fácil, pela violência que tá instalada, principalmente lá onde a gente mora. Acho que é um dos bairros mais violentos de Gravataí, não sei se é a realidade ou se é... Mas tá entre os bairros mais violentos de Gravataí. Ao longo do tempo, quando eu fui morar lá não era tanto, mas ao longo do tempo, conforme foi crescendo a cidade, a violência foi aumentando.

Na realidade já mudou um monte de coisa, eu passei de ser uma pessoa que ia e voltava do trabalho e agora eu já consigo ter um pouco de autonomia, já aprendi muita coisa com o projeto, nessa coisa de tá como educadora popular. Na realidade eu tô sendo educada, né. Não vou dizer educada, mas tô abrindo meus olhos. Eu já aprendi muito, acho que vai se bem melhor porque eu vou tá com a mente mais aberta. Pra poder encarar as dificuldades, pra poder lutar pelas coisas que eu quero.

**Carlos Alberto**

Entrevista realizada em 07/10/17, na Orquídea Libertária.

Carlos Alberto (Carlinhos), 30 anos, solteiro, moro em Gravataí no Orquídea Libertária. Coordenador logístico na Cootracar. Estudante curso técnico em logística.

Morei já anos e anos em Gravataí, praticamente em dois bairros, três bem dizer. Um São Vicente, perto do centro, uns dois três quilômetros. Depois na Vila Pontilhão e na Parada Oitenta. Depois retornei depois de alguns anos retornei pro Pontilhão, na Estrada Municipal, perto da Ulbra. Alí era uma ocupação, e nessa ocupação atividades sociais, de cunho social.

Que desenvolvia com os carroceiros e carrinheiros na época. Isso agente tá falando mais ou menos no período de 2001, pra 2002 e 2003. E aí em 2004, depois desse processo de contato junto com essa ocupação e experiência da associação, que na época era associação, acabei indo pra Cachoeirinha, onde tinha um grupo que recém tinha ocupado um galpão, que era um galpão da Delegacia da Polícia Civil que tava ócio, certo? Onde se desenvolveu também uma organização de catadores, de carrinheiros, que a vila é chamada de Vila da Paz, ali na Parada 49. Depois de um certo tempo de desenvolvimento. Era periferia. Também era uma ocupação que se deu no período de 97, não se teve regularização fundiária ainda. Só talvez agora pelo período de 2015, 2016, que teve o processo de início da regularização fundiária que ainda não tá completo. Em 2010 e 2011 retorno a Gravataí pra um desenvolvimento de um processo de organização de catadores, sendo que aquela associação que estava na Estrada Municipal ela acabou se desenvolvendo e criou também uma cooperativa. E aí no período, faz uns dois anos, mais ou menos, morando no Orquídea Libertária. A onde se dá um processo de início, que tá se formando ainda e na espera de recursos, que tá em processo pra poder constituir um condomínio de populações de volta Gravataí, que a qual o nome se deu Orquídea Libertaria.

Morar pra mim, acho que é conhecer as pessoas, tentar entendê-las, elas também, cuidar uma das outras e tentar desenvolver atividades e que se essas atividades se encaixem, e também possibilite ferramentas pra elas também poder estar se refletindo no sentido de conhecer umas as outras e ao mesmo tempo fortalecer elas enquanto pessoas pra esse mundo todo que esta fora aí. Vários problemas sociais, políticos, econômicos, ideológicos, educacional,

cultural e de lazer também. Que possibilite também ter esses espaços de educação, de cultura, de lazer, de estudo, de desenvolvimento em varias áreas e tal. De segurança também, no sentido de uma com as outras. Isso seria o morar.

Esses ambientes onde eu morei, vários deles, cada um tem uma característica diferente, mas alguns se cruzavam no sentido de falta de algo, que não se completaria, ou seja por exemplo, necessidades por exemplo saneamento básico, educação bem precária, ou o que se tinha talvez não tinha a possibilidade ou esforços, de tá conduzindo essa busca por educação, essa busca pelo lazer, falta de espaço para o lazer. Alguns desses espaços até poderia, mas só algumas pessoas adquiram esses espaços para poderem efetuar ele como ferramenta para aprendizagem, conhecimento, muito precário. Problemas de segurança, problemas econômicos, problemas de entendimento de um vizinho com o outro, enfim, vários problemas sociais, assim.

De várias maneiras assim, tenho abordado alguns exemplos, até pra ter uma linguagem pras pessoas poder pegar com facilidade. O Orquídea, ele não é apenas uma casa né? Casa tu encontra em qualquer lugar ou faz em qualquer lugar, na beira da rua, ou em qualquer lugar. O Orquídea quando a gente vai explicar, assim pra pessoa, de que é um condomínio, a onde ele é um projeto de vida, que é além das casas. Esse além das casas é o quê? É ter uma convivência melhor, ou pelo menos se esforçar e um desafio de se entender um ao outro, de ter espaço de educação, de ter espaço de lazer, de ter espaço da preservação da natureza, que o Orquídea tem essa característica também, o território, ou seja, de possibilitar que tenha vários tipos de atividades, o que não teria num bairro comum, certo? E projetar coisas para o futuro aí, da questão das crianças e os próximos que estão por vir, e de geração de renda também. Esse seria o Orquídea.

O projeto vem pela proposta de uns camaradas de Porto Alegre, do Utopia e Luta, a qual tem a cooperativa Coopsul. Que já vinha uma caminhada da estrada deles e tal, pela questão da ocupação da Borges, também. E essa experiência de território e de organização social. Possibilitou de ter contato com nós, via os catadores, que a gente faz parte dos catadores, e possibilitou também a oportunidade de conseguir uma terra da União, o qual ficava bem ao no território de Gravataí, onde tava a Cootracar, cooperativa de vários trabalhadores

e trabalhadoras de carrinheiros e carroceiros de Gravataí, a qual eu faço parte. Que a cooperativa a gente criou a partir de 2009, sendo que tinha a associação que vinha desde 97, lá da Estrada Municipal. E aí que acaba acontecendo que a Coopsul consegue a área pela União, e se integra junto com a Cootracar, pra desenvolver esse trabalho no sentido de possibilitar uma terra pros catadores, a qual começa imensas atividades, de interação, explicativas, e possibilidades de agregar ideias e momentos e pessoas, e possíveis pessoas, de vários bairros de Gravataí, a qual seria algumas pessoas da Cootracar e outras pessoas que estariam indiretamente relacionadas com a Cootracar, que possibilita tá se incluindo no processo, e aí veio a ideia de construir um condomínio chamado Orquídea Libertária.

Bom, uma por causa que, no início se dá as discussões, e por já passar por todos esses territórios aí, e de bairros e tal, tem muito haver, de tentar aglutinar umas ideias no sentido de projeção que seria o ideal, que é o que os outros territórios não se têm, das atividades e da vivência do cotidiano, e tudo mais, que acabaria resolvendo grandes e inúmeros problemas, pra poder ter essa convivência melhor no sentido de moradia que não é só as casas e sim uma convivência melhor e construção do ser humano. E organização social. E de que também é uma das estratégias dos catadores, que não é só trabalhar, e sim também ter seu espaço de moradia, e uma vida melhor. Isso possibilitou de tá se engajando aí nessa ideia de querer tá participando do projeto.

Antes eu teria a ideia de morar com um enteado que eu teria no caso, aliás que tenho ainda, mas ele acabou voltando pro interior, mas hoje praticamente eu iria morar sozinho.

Comunidade pra mim é uma junção de várias pessoas, de crianças, adolescentes, idosos, jovens, solteiros, casados, ou seja, várias pessoas, no sentido de ter união nas atividades, união no querer participar, ter vontade de participação, certo? E de se esforçar pra ter uma vida melhor. E de um cuidar do próximo. Dá pra se dizer bem assim. Isso seria uma comunidade.

No início eu acho que, por mais que tenha vários problemas aí, no início acho que vai ser meio tumultuado, até se ajeitar, as pessoas em cada cômodo, por mais que vai se ter uma organização, tudo mais, ela vai meio que, não vai se dar um choque mas, no início vai ter um comparativo, do que saiu, de onde é o seu território, que é totalmente diferente, *pruma* coisa nova. Mas no meio da

caminhada, vai se ajustando, sendo que vai ter seus espaços de, dá pra se dizer, de diálogos, de acordos e tal, que é toda uma estruturação que se faz, na parte da organização social. Que é, por exemplo, a assembleia, grupos de trabalho, enfim. Depois vai fluindo, conforme as atividades estabelecidas conforme suas realidades, por exemplo, o número xis de crianças, vai ter a oportunidade e a possibilidade de ter um espaço pra elas. Que é o galpão comunitário. Alguma, talvez num outro núcleo, que seria desenvolvido a partir da necessidade. E tendo espaço pra isso, há possibilidade de ser concretizado. Enfim, em primeiro lugar, acho que um prazer enorme, de tá junto com uma companheirada que já tentou e tenta até hoje, buscando pra ter uma nova forma de organização social, no sentido de moradia mesmo. Não só do trabalho. Que do trabalho, a gente já tem uma grande experiência de vários tipo de organização e de maneiras de fazer. Mas vai ser um enorme prazer, dá pra se dizer. E vejo que vai ser bem legal. E até pras pessoas e até pra futuramente tu dizer, putz, consegui tirar pelo menos uma parcela, dessas pessoas que moram em vários territórios, elas vão te a oportunidade de construir algo novo, que não é aquilo que tá na sociedade aí, que a gente vê que é vários territórios que falta isso, falta aquilo. E muitas vezes tu não conhece nem o vizinho da tua rua, que mora anos e anos e tal. Ou seja, o Orquídea vai acabar possibilitando isso, de enxergar um ao outro, e de que nós somos todos iguais, por mais que um tenha um tênis melhor, o outro anda descalço ou de chinelo, enfim. E de tentar se aproximar melhor, de construir uma vida melhor.

Eu acho, que nessa perspectiva, eu vejo que o Orquídea, tu possa sair do Orquídea pra tuas atividades, seja ela pra estudar no sentido das escolas ou curso técnico ou talvez até pra faculdade, ou eu, ou até talvez outras pessoas, os filhos das pessoas que irão morar no Orquídea. Os que sairiam também todos os dias pra trabalhar. Os que vão ficar também no território, cuidando ou, fazendo algumas atividades, também internamente. Essas pessoas que tiverem atividades fora seja estudando ou trabalhando ou qualquer outro caráter vão retornar e ao mesmo tempo vão enxergar o território Orquídea Libertária como, poxa eu saio trabalhar estudar e também têm atividades internas, além de ser o meu condomínio, os que ficam também vão estar se ocupando com outros tipos de atividades e crescendo, seja mentalmente, fisicamente, com esporte e tudo mais e tal. É uma grande satisfação de chegar e também compartilhar coisas

novas, uns com os outros, seja os que vão tá fora e retornando a noite e os que tão saindo de manhã e retornando ao meio dia ou os que ficam também internamente buscando coisas e trocando e distribuindo, formações e conhecimentos um com o outro, e também um cuidando, uns dos outros e ao mesmo tempo também crescendo enquanto pessoa. Acho que o interessante é esse. E de ver que vai ter possibilidades de crescer no sentido ambiental, educacional, talvez economicamente, sendo que a questão econômica ela necessária, mas também não se prevalece acima de tudo. E politicamente, socialmente também falando. E de crescer enquanto pessoa. Enquanto humano mesmo.

### **Bruno Ricardo**

Entrevista realizada em 08/10/17 na Orquídea Libertária.

Bruno Ricardo, tenho 22 anos, cooperativa, educador popular, bairro São Vicente, Gravataí.

Já morei na São Vicente, que é um lugar urbano, com água, luz, asfalto, posto de saúde, escola, tudo perto. Perto do centro. E morei uns quatro meses no Rincão da Madalena, só que pela violência e tráfico e coisa, daí acabei saindo, porque era muito violento. Não tinha como descansar nada, sempre preocupado, né? Daí ficava meio estranho. Mas quem morava lá já dizia que era normal, aquilo dali e coisa, mas pra mim não era normal ainda, tanta coisa.

Morar é tu habitar em algum lugar que tu se sinta seguro, também, seguro, rodado das pessoas que gosta. Precisa ter os principais, água, luz. Tem que ter um espaço, uma segurança, vamos dizer assim, mais o convívio com as outras pessoas, uma rede de relações que se ajudem. Que nem eu moro hoje, mais ou menos, mas com a família, né? Mais ou menos assim, tamo sempre se ajudando e coisa.

Quando foi pra outro bairro: já me senti isolado, diferente o espaço. Antes nós morava todo mundo junto, meu irmão não morava, mas eu morava junto com eles (pais), depois nós fizemos uma separação, uma porta pra ficar meio independente, né? Pra não tá tudo junto.

Projeto: é um projeto de vida, bem diferenciado do que a gente vê hoje né? Em todos os lados, as pessoas, todo mundo se isolando, cada um na sua casa. O projeto em si, se torna bem diferente do que as pessoas veem em morar,

cada um no individual e coisa né? É um projeto que reúne mais as pessoas, pro apoio mútuo, fazer as coisas unidas, que sozinho, no individual muitas coisas a gente não consegue, todo mundo junto a gente pode conseguir várias outras coisas que também estão com precariedade, né? Que o governo não disponibiliza. Como educação, tem alguns planos né, mas é poucos. Posto de saúde, nós se unindo junto, de repente conseguimos uma maneira melhor de acessar essas coisas todas. Falo Orquídea Libertária, aí eles ficam meio assim, o que que é? Daí explico que é uma comunidade, surgiu a partir dos catadores, pra construir uma comunidade e tal. As vezes a maioria nem pergunta, de certo fica pensando, o que que é.

A partir de quando eu trabalhava na Cootracar, aí o pessoal da Coopsul, conversou sobre o projeto. Já se falava antes, entre poucos, que conseguiram um terreno e que iam pensar o que fazer e tal. Depois ao longo do tempo fui me integrando e conhecendo melhor todo o projeto e começamos a construir juntos, o projeto. Veio o índice do que poderia ser e depois foi agregando todo mundo junto no que é o projeto hoje, né?

Morar: com minha esposa e minha filha.

Comunidade é onde todo mundo mora num ambiente, num ambiente junto, em casas separadas, mas num conjunto, todo mundo junto. Pra se ajudar, se apoiar, fazer as coisas de forma coletiva.

Como vai ser: tem várias...(risos)... vai se complicado que nem todo mundo aceita essa forma de viver junto. Vai tê bastante conflito, mas igual, algumas pessoas vão se colocar junto. Mas é difícil de tu imaginar (risos). Vai ser bem diferente. Bem dizer, eu penso em morar em comunidade, mas bem dizer eu quase moro individual. Uma comunidade diferente, familiar. E morar numa comunidade onde tem pessoas diferentes, com pensamentos diferentes, vai se, bem dizer, novo né? Eu não passei uma vivência assim ainda né? Vai ser bem diferente.

O que vai mudar: e agora? .... risos... eu penso que depois de vir morar aqui, desde a minha filha que eu tento ensinar desde agora, sempre tá ajudando as pessoas como pode, tá sempre junto, não viver a vida separada das outras pessoas. Tentar conviver mais com as pessoas, não só ficar no seu cantinho, entendeu? Tê uma rede de relações maior.

Daqui a cinco anos: nem imagino, que eu sou meio louco... risos.. não faço ideia... (risos).

### **Eduardo Solari**

Entrevista realizada em 24/09/2017 na Orquídea Libertária.

Eduardo Solari é músico, tem 61 anos e é de nacionalidade uruguaia.

O nome Orquídea Libertária nasce a partir de duas observações, uma observação da grande quantidade no território previsto para a construção do projeto, a grande quantidade de orquídeas, bromélias, existentes aqui. E a outra observação se dá a partir de fato histórico trágico, de uma catadora, que como tantas mulheres, além de catadoras, sofrem cotidianamente acontecimentos terminais, a partir da violência familiar e a violência contra a mulher de forma integral mesmo. Que todos *tamos* sabendo na sociedade, vivendo no patriarcado e essa definição e essa cultura machista que existe. A partir daí, se colocam pautas dentro das reuniões com as primeiras catadoras e catadores convocados para a informação e a proposta do projeto, vendo que a maioria são mulheres, e segundo as primeiras informações que íamos recebendo por parte das companheiras e companheiros, organizadores e coordenadores do Movimento de Catadores da região aqui, a maioria dessas mulheres também estariam sofrendo esse tipo de violência familiar, algo como se fosse algo normal, algo que já tá no “vai fazer o quê?”. Que é a explicação comum, e a vida é assim e vai fazer o quê? E bom, a partir daí, propusemos que a reivindicação como modelo referencial e de denúncia, além de que, para que não se esqueçam de uma vítima desse sistema de opressão e de violência, essa companheira que foi vítima, a companheira Tati, que nós não conhecemos, mas ela para nós faz parte da pedra fundamental desse conceito e apontando a orientação de que esse projeto vai ser, estamos tentando que seja um espaço onde a mulher possa desenvolver seu potencial e apoiado pelos movimentos e pela parte organizativa, seu potencial humano e reduzindo o mais possível, e se é possível exterminar esse tipo de comportamento agressivo e que tá tudo errado dentro da sociedade mundial. E então, propusemos que Orquídea Libertária em homenagem a essa companheira vítima, mas que isso seja uma lembrança permanente e uma reivindicação que defenda e esteja continuamente presente na vida de todos, homens e mulheres, com respeito que somos totalmente contrários e que a

formação vá e a orientação está em criar a equidade de gênero. Que com o conceito de equidade já estamos dizendo e envolvendo tudo o que significa, qual é a proposta dentro desse território de Orquídea Libertária.

O conceito de Comunidade Orquídea Libertária, Orquídea já explicamos, eu já dei uma explicação aí, com respeito ao tema da origem de Orquídea Libertária e autônoma por um termo de orientação política, dentro da área política, de um conceito político, com respeito ao tema e ao fundamento enraizado na autodeterminação. A autodeterminação é que cada sociedade, cada núcleo social que tenha sua identidade e tenha seu objetivo com respeito a sua vida em conjunto, tanto seja pela grande participação por consenso, que é algo muito distante neste momento, ou por uma corrente de opinião majoritária, de simpatia e apoio, de que nós queremos ser e as pessoas querem ser, digamos, os artífices, sem nenhum tipo de coerção em suas determinações sócio econômicas e não estar dependendo de poderes ou de interesses que não correspondam a suas próprias vidas individuais e coletivas.

Então aí vem o conceito de autonomia e o conceito de libertária tentando criar uma consciência de autodeterminação que de alguma maneira autoconfiança e a autoestima que as pessoas pensem, a sociedade pensem, que sim é possível, a partir da unidade dessa sociedade, desse coletivo, em procura de um bem comum, que se é possível aproximar-se de um resultado que possa ser favorável para todos os entendimentos dentro desse grupo. O conceito comunidade é porque nós, de alguma maneira tentamos de que se compreenda dentro desse imaginário popular, não estamos tomando dentro do ponto de vista e não estamos tomando comunidade dentro do ponto de vista técnico, do ponto de vista acadêmico, com respeito a etimografia, as raízes do conceito de comunidade, estamos falando comunidade dentro de um imaginário popular, que é onde um transita nos bairros, das periferias, eles se identificam como "*nossa comunidade*", bom, não vamos andar discutindo nem debatendo conceitos de raiz etimológica, conceitos do ponto de vista técnico, acadêmico o que quer dizer comunidade. Nós tomamos o imaginário deles para ser compreendidos e depois teremos o outro debate com respeito ao tema técnico e acadêmico sobre estudos socioantropológicos, arqueológicos, de onde vem, para onde foi, o que é o conceito comunidade. Se as comunidades originárias que deram origem a seu conceito, se ainda são válidas no conceito da modernidade, e neste mundo

caminhando *hacia* em caminho a pós modernidade, se esse conceito segue sendo o mesmo, se é imaginário, se ficou para trás, se é uma nova versão com respeito a essa nova sociedade permanente ou circunstancial, a partir de que necessidades, a partir de que movimento, de toda essa confusão que existe dentro das populações, por regiões, se o conceito comunidade ainda pode ser substituído ou pode ser ampliado nas épocas que nos *tamos* vivendo. Isso é meu entendimento com respeito a isso.

Sobre o conceito comunidade, que eu entendo, que eu compreendo ou pelo menos que meus limitados conhecimentos me dão para tomar consciência. A comunidade, ela se dá a partir de determinados fatores que não discutidos, nem debatidos, nem acordados, eles as dão, aí só se remitir a estudos e informações dessa sócioantropologia, mais que nada a parte antropológica de como foram criadas comunidades, a partir do conceito posterior, do estudo dessas sociedades, de sobrevivência. Num primeiro momento, tomando em consideração que o ser humano é um ser gregário, e ele precisa de um conjunto, da construção de uma sociedade para poder sobreviver, para poder desenvolver sua natureza, então, se nós tomamos o conceito desse ponto de vista, nós temos que começar analisar o conceito de comunidade a partir de fenômenos climáticos, da geografia, a partir de necessidades, a partir da sobrevivência. Quando o ser humano descobriu a agricultura, domesticou animais, quando o ser humano se protegeu das inclemências climáticas, quando o ser humano caminhava e se protegia em grandes zonas de geografias totalmente hostis, para sua defesa biológica. Já que o ser humano é um animal, que sua grande defesa que tem, sua ampla defesa dentro da natureza é seu raciocínio, sua inteligência e não tá dado por esses elementos que tem outros tipos de espécies, que eles têm outro tipo de mecanismos de defesa e ataque, o ser humano ele se defende a partir de sua inteligência e seu raciocínio. Então podemos considerar que nessa ordem primária, primitiva, o ser humano era muito fraco e ele tinha que se proteger a partir de sua própria natureza gregária e construir esse conjunto de sociedades, que chegavam a se constituir em um território por diferentes motivos. Então pode ser que essa sociedade fora só por esses motivos, se construíram essas comunidades, e observados de fora, como nós observamos, a partir dos anos, os sistemas estabelecidos de dominação que se foram dando, em todas as partes do planeta, essas comunidades foram também sendo, de

alguma maneira, a partir de seus recâmbios geracionais, essas comunidades foram mudando suas estruturas. Assim, como disse Milton Santos, foram sofrendo uma metamorfose, onde vai criando determinadas mudanças e transformações que são compreendidas pelas gerações mais próximas anteriores, mas a medida em que se vai distanciando da área histórica, do ponto referencial, as próximas gerações já tomam como história e fica como que é algo, como não tem nenhum tipo de consequência direta com as gerações próximas. Coisa que é um termo errado, pensando que a história não tá interligada e que essa dialética acontecida faz mil anos atrás, que nós no presente, digamos, fatos acontecidos fazem mil anos atrás não tem nada que ver com a dialética presente. E eu considero que sim. Que sim, tem que ver e o conceito comunidade, o que eu compreendo, temos essa comunidade no imaginário popular e temos o outro conceito de comunidade do ponto de vista técnico, acadêmico. Que aí já temos determinadas dificuldades para poder compreender, se é que realmente essas comunidades existem em algum lugar, mas a insistência, de seguir construindo, como uma autodefesa, desde o ponto de vista, no caso meu, desde o ponto de vista ideológico mesmo, e na proteção de determinados valores e determinadas instâncias que não as considero conservadora. Considero parte dos direitos humanos e dentro de uma linha, a considero dentro de uma linha de sobrevivência coerente, tá, e totalmente contrária ao sistema estabelecido, que é totalmente nefasto e contrário, não só aos direitos humanos, senão a subsistência humana e mais além disso, é determinada e seletiva *hacia* classe sociais em estado totalmente indefesos, por sua falta de educação, de compreensão, de informação, e que se encontram em um estado de alienação total, com respeito, não só a história, senão ao presente e ao que pode acontecer amanhã. Onde a imaginação também, há *tenido*, determinadas, digamos, se há perdido, se há perdido bastante das imaginações populares, sociais, individuais, na sociedade, o ser humano, as há perdido a imaginação, que tem vindo proporcional a perda espacial, a perda de espaço da sociedade. Ou seja, muitas vezes nós trabalhamos nos espaços amplos, na ordem territorial de moradia, se podia fazer uma pergunta: quantas são as crianças e os adolescentes que veem o horizonte no dia a dia? Quantas são as pessoas de uma grande cidade que sabe por onde nasce o sol ou onde é o por do sol? Ou onde é o sul, o norte, o leste, oeste? Coisas de que foram se perdendo, foram se criando uma espécie

de vazios dentro dos conhecimentos populares, que nos vão, digamos, fazendo tomar distância, de determinados elementos que foram vitais para o crescimento da humanidade e os valores aqueles criados com respeito. Porque nós, eu considero que o ser humano faz parte da natureza e bom, toda essa tendência que tem vindo é como que o ser humano tá fora da natureza e que tem controlar a natureza. É um erro muito grande, o ser humano faz parte da natureza, só porque sejamos um animal racional, que para mim é o único, por enquanto que é conhecido, isso não significa que nos não sejamos natureza. São temas bastante complexos, assim, inclusive para os que estudam e aprofundam isso, tem várias diferenças, mas a partir daí a ordem territorial, de moradia, do espaço, esses conceitos, nós, a partir desse imaginário que nós temos, e que tentamos no dia a dia ir confirmando, a partir das grandes dificuldades, que se estão dando nos fenômenos. Não que esses fenômenos sociais, que se estão dando agora, sejam exclusivos desta época, eles já existiam, *pero* em menos grau, e com menos relevância, só que neste momento, todos estes pequenos danos que existiam, não eram conhecidos porque a informação era muito precária, era uma informação antiga, ou seja uma informação que corria com um tempo muito distante do que estamos vendo agora e as informações, elas ficavam sequestradas em determinadas instâncias ou não eram repassadas, porque como eram de pouca quantidade ou eram pouco minoritárias não eram de relevância. Neste momento a informação corre ao tempo da luz, neste momento qualquer habitante do planeta, sozinho, pode gerar uma grande notícia, um grande fato que comocione todas as sociedades, com aquelas diferenças, não? Da qualidade informativa e os meios informativos que chegam e são compreendidos de quem para quem? Porque temos um grande setor da população, e mais falando de Brasil aqui, temos uma grande maioria da população do Brasil, que tá totalmente desinformada e outra mal informada, e aí não *tamo* falando de fato político, nem de disputas, estamos falando de fatos concretos, da vida social, da vida econômica, a vida em sociedade.

Moradia: O que é moradia a partir de que ponto da história da humanidade. A moradia de forma primária, é uma necessidade inalienável, onde o ser humano precisa se proteger das inclemências climáticas, de forma primitiva, onde se estabelece naturalmente dentro de espaços físicos já construídos, ou a passo do tempo com suas técnicas vai desenvolvendo outros

tipo de, no percurso do tempo e da história, vai construindo outro tipo de refúgios, com outros materiais, a princípio o que se conhece a pedra, as cavernas que é a forma primária. Depois a partir daí, há outro tipos de moradias com técnicas que vão desenvolvendo, onde a geografia dos lugares estabelecidos, a que indica o material com o que eles construíam, a partir de suas imaginações, suas técnicas, esses refúgios, a qual que considero que é uma necessidade inalienável. A partir da civilização, e do controle territorial de poderes que se estabelecem nos territórios do planeta, a moradia passa a se constituir em um direito, onde dentro de meu imaginário, e de meus escassos conhecimentos, eu considero que há uma diferença entre uma necessidade inalienável na sobrevivência do ser humano e o direito que nasce a partir da ordem do controle territorial dentro da ordem civilizatória. Claro tá que não *tamos* falando do cem por cento do que foi a população humana, porque até o dia de hoje as moradias de determinadas culturas ou focos culturais que ficam ainda no planeta, já são raridades, mas existem como no caso dos ciganos. Os ciganos não estavam estabelecidos dentro de um território exclusivo, com uma casa quadradinha, com determinados elementos criados a partir da tecnologia civilizatória. No que eles seguiam transitando, sua vida nômade, com outros tipos de refúgios, de moradia, mas em si a moradia, seja nômade, seja de caverna, seja de pedra, de pau, seja civilizada, de vidro, de madeira, de aço. A moradia é uma necessidade inalienável que se transforma em direito, e reitero outra vez mais, para que seja notável essa diferença, se transforma em direito a partir da ordem civilizatória controladora dos territórios. Que assim como em outras necessidades de sobrevivência, no caso da alimentação, da saúde, e podemos seguir dizendo alguns elementos vitais, eles também se foram transformando de necessidade vital inalienáveis se foram constituindo em direitos, pela instalações de mercados em torno dessas necessidades vitais do ser humano. Então, a moradia, neste momento, neste momento histórico, ela está no auge, em um dos picos mais altos, de um processo especulatório, a partir de um aumento demográfico muito importante no planeta e das regiões centrais, as cidades polos, a partir de outros fenômenos de abandono de seus povos, de suas aldeias, de pequenas cidades onde não tiveram possibilidades de se desenvolver, essa modernidade social, econômica e cultural. Começam a migrar *hacia las* grandes cidades. E aí, encontramos que as cidades não têm um preparo, nem uma infraestrutura digna

para poder receber esse impacto, essa massa, esse grande impacto que provoca essa massa, que vai chegando a esses territórios e se vão constituindo os espaços irregulares, com moradias irregulares, sempre falando dentro do conceito civilizatório controlador, né? Qualquer refúgio para um ser humano não é irregular, é natural, é necessário. A irregularidade é uma figura que marca o sistema, a partir de um esquema de controle impositivo e de direito a uma propriedade privada, que nunca é privada, pois a sociedade do estado é permanente, com respeito ao tema, é sócio eterno da sociedade. Tu compras algo, mas tem que pagar imposto toda a vida, então não é teu. E essa moradia se converteu em um produto, e em um elemento de especulação, onde gera nessa superpopulação um sem fim de injustiças que impactam diretamente sobre essa sociedade que não consegue nem sequer pagar para morar. No caso de alugueis, nem consegue o recurso para se manter, relativamente, porque também tem que pagar os outros impostos, que se não paga também lhe tiram a casa. De poder ganhar para poder manter a casa, tanto em propriedade como na posse relativa e temporal de um aluguel. Então a moradia é um elemento que, de grande conflitividade por esse super grau desumanizante e especulatório dos poderes econômicos, onde no caso nosso, acessamos nesse processo histórico recente, que sempre houve em todos os governos, e em todos os sistemas e em todos os países, algum grau de válvula de escape, para poder tirar a tensão desta grande massa sem teto e construir alguma coisa de baixa qualidade em lugares muitas vezes inacessíveis, para dar uma fuga dessa pressão e manter esse assistencialismo no controle de segurança, dentro dos padrões que eles consideram aceitáveis. No caso nosso, acessamos recursos públicos porque nós consideramos que é um direito, que recurso público é uma poupança permanente obrigatória de todo cidadão dentro de um estado, a partir de uma pequena porcentagem que está situado dentro dos impostos permanentes de grande porte nos países subdesenvolvidos. E aí, o grande compromisso que temos e a grande responsabilidade, o compromisso se dá a partir dessa responsabilidade, de quando consegue um território público, com recursos públicos para construir essas moradias, e assume a responsabilidade de criar em número xis de famílias um processo de migração, que se dá por diferentes motivos. Moram em lugares insalubres, em lugares de alta insegurança, grande quantidade de crianças, dificuldade de transporte público, dificuldade de

atendimento de saúde, lazer e esporte nem falamos porque quase não existe. E a proposta desses territórios, quando nós nos comprometemos não é simplesmente de fazer a casa, que claro que é importante, como essa necessidade que falei a princípio, mas ela não tá enquadrada dentro de uma área de propriedade ou de benefício econômico, senão que tá enquadrada dentro de um projeto teórico, imaginário, possível de vida, que possa gerar um novo quadro e um novo comportamento das novas gerações, e se é possível das mais antigas, em outro cenário que tenha um conteúdo, de dignidade integral em todas essas matérias que estão estabelecidas, esses tipos de carências e esquecimentos de sistema, quem controla a parte de orçamento público e regional dos municípios, das cidades. Aí temos algumas preocupações, porque todo movimento social, a partir de uma geografia determinada, que se encontra num lugar de forma estável, de alguma maneira se aderiu a essa sociedade, se aderiu costumes, hábitos, conhecimentos, identidades, se foi constituindo tudo uma série nesse espaço, de digamos, poder caminhar sobre esse espaço, com os olhos fechados, porque se conhece o grau de confiança, além da insegurança, um grau de confiança de saber por onde entra e por onde sai. Quem é o vizinho, onde tem de recorrer em caso de problema ou caso de alguma necessidade. Nesse caso, quando se toma a responsabilidade, de colocar uma ideia de projeto de vida, apontando a médio e longo prazo, a construção, essa força para poder construir uma nova visão de mundo pra pessoas que estão muito longe de ter consciência do que seria uma dignidade civilizatória estabelecida pelo sistema, dentro da área territorial, onde abrange o que falamos, educação, saúde, segurança, trabalho, geração de renda, lazer, esporte, tudo o que possa colaborar nessa dignidade. Nós também temos que pensar de que, além de que o território seja melhorado e tenha uma proposta superior com esses elementos, o impacto psicológico nessa ruptura que vai gerar, e para fazer um exemplo: uma criança que tem dez anos, que durante cinco anos vai indo na escola com outros companheirinhos do bairro, e em determinado momento ele não vai mais lá, e se encontra em outra escola. Uma casa linda, uma casa confortável, higiênica, um pai e uma mãe trabalhando, contente, um bom transporte, água potável, boa luz, esporte, lazer, mas isso é uma parte dos benefícios, que não podem, até passar o tempo de adaptação, não pode ajudar num primeiro impacto, que vai receber essa criança ou esse

adolescente a mudança desse hábito, e dessa identidade que tinha com essa sociedade anterior. Então aí tem que ter um processo de acompanhamento bastante, de bastante sensibilidade porque as reações podem ser diversas, os métodos não podem ser padronizados, os métodos vão ter que ser no corpo a corpo analisando e examinando dentro das condições possíveis, esse grau de alguma maneira de perda de objeto identitário, e a substituição do próximo território, do novo território que vai ter que preencher, além das novas propostas, vai ter que preencher os espaços vazios, que vão ficando dentro daquela saudade que vai ficando, tanto seja criança, adolescente, mulher, homem. Então, não é uma tese que há que migrar, há que sair daqui para lá, de forma estável, não. Além de que se essas famílias tem um histórico nômade, de qual não são, a maioria, nativas desses bairros, mas em pouco tempo essa família se acostuma, já com 5,6,7 anos que estiverem nesse lugar e tenham recorrido vários territórios durante esses anos e se consideram, num prazo de 50 anos, nômades. Involuntariamente nômades. Esse seis, sete anos também geraram esse tipo de, na velocidade que caminha as coisas, também geraram hábitos e confianças, e afirmações, dentro de imaginários, esperanças, sonhos, dentro de suas medidas e seus tamanhos, onde a pessoa, de repente, de um dia pra outro não tem mais e começa noutra lado. A partir de uma melhora, do ponto de vista socioeconômico, onde vão esperar, como é que a outra parte do avanço, com respeito ao tema que, e vão comprovar depois, que esse compromisso, de poder ir chegando a esse acompanhamento permanente na evolução de toda esta complexidade. Consideramos que o ideal seria construir esse mundo onde eles vivem ou sempre viveram, mas isso não é possível, na maioria dos casos não é possível, porque estamos condicionados a políticas públicas, políticas de interesses especulatórios, políticas de todo o tipo, políticas que não tem nada que ver com essas necessidades urgentes, reais, das populações. Se por aqui tem que passar uma estrada, a estrada é mais importante que as miles de famílias que vocês querem, vão tirar todas as famílias, não lhe interessa, vão lhe dar uma casa em qualquer lado, não lhe interessa que tipo de impacto psicológico ou que vai passar dias sem comer, ou que depois vai ter que ir no médico porque não se adapta, saúde mental, saúde de nenhum tipo, não lhe interessa nada. O que interessa é fazer a estrada e acabou. É esse tipo de coisa e se terminou. E depois se troca por um material de baixo recurso e coisas de

que já resolvemos e tchau. Então quer dizer que a moradia é um tema tratado com muita irresponsabilidade, por parte do sistema político, sistema público, é um tema que certamente para os estudiosos nessas áreas, deve ter consequências, que para nós são invisíveis ou ocultas, problemas que se vão a somar a outros problemas, que depois derivam em casos totalmente negativos a essas sociedades e essas pessoas. Então não há nenhum ponto favorável com respeito ao tema, ao poder dizer que as políticas públicas aqui no Brasil, com respeito a moradia são sérias, são responsáveis e são humanizadas. Não tem nada que conte com uma política pública pensada nessa sociedade de humanos que tá desprovida dessa necessidade ou cobrindo essa necessidade de uma maneira totalmente indigna e fora dos padrões aceitáveis dentro das áreas da civilização do século XXI com suas grandes tecnologias e complexidades.

### **Jelson Abrilino**

Entrevista realizada em 05/11/2017 na Orquídea Libertária.

Eu tenho 42 anos, eu trabalho na cootracar, reciclador. Moro de aluguel na Bonsucesso, morava lá no Parque dos Eucaliptos, depois eu me mudei pra Bonsucesso.

Aí é um livro, muita coisa, nasci em Uruguaiana.... I tem vários lugares que eu já morei, já (silêncio). Vai dá um livro (silêncio).

Nasceu em Uruguaiana, depois? São Leopoldo, Novo Hamburgo, atualmente tô ali, mês passado eu me mudei. O bairro onde eu moro agora é tranquilo, eu me dô com todo mundo alí na volta, não tenho inimigo, é bem movimentado.

Precisa estrutura, tudo. Onde o cara faz amizade não tem erro. Faço amizade. Amizade manda tudo. Não tem problema.

Eu falo que eu vô morar no projeto Orquídea Libertária. Eu falo pra todo mundo. Lá do meu serviço mesmo eu já puxei três famílias, do meu serviço pra cá, também. Vai se legal. Eu sonho com isso daqui. Eu sonho com isso daqui ainda.

Foi através do seu Antônio, lá no entreposto. Me interessei em participar pra sair um pouco daquele mundinho, lá. Lá de fora. Pra vim pruma coisa que é minha. Que eu posso bater no peito, essa casa é minha, não é de ninguém. Por isso que eu me interessei pelo projeto.

A princípio era pra eu vim com a minha família, né meu? Minha esposa, a Fernanda [filha], mas brilhou uns problemas aí, que ela não quer mais. Eu acho que ela tá desacreditada, é isso. Eu acho que ela tá desacreditada no projeto. Mas eu não. Eu não. Eu não desisto nunca.

É que vai da outra infraestrutura pro povo, né? Melhorar a criação dos filho, vai dá outro rumo pra vida dos pais também.

Ah vai se bom. Vai muda bastante coisa. Vai se bem melhor. Vai se melhor na educação. Não te que chegar aqui e me cuidar com vizinho. Não vou ter que me cuidar com ninguém, né? Já vou conhecer todos.

A rotina vai continuar a mesma. Eu trabalhando, trabalhando pra manter aquilo alí, né? Pra melhorar sempre.

Faz parte. Quando vocês tavam numa boa aqui, tinha as assembleias aqui, tinha mesa farta, todo mundo gostava de vim aqui, pá. “vamo lá na orquídea” (risos). Agora vocês tão nessa situação aí, não vem ninguém, bah, por que isso? Tem que continuar, tem que continuar, sempre tem que continuar, tem que persistir. Não adianta na primeira tormenta, vou me embora, vou partir, vou deixar ele de lado, não adianta, porque é pior. Tem que se ajudar, a união faz a força.

## **Renan**

Entrevista realizada em 29/10/2017 na Orquídea Libertária.

Meu nome é Renan, tenho 26 anos, profissão? No momento catador, ali. Auxiliar administrativo. Estudante de administração na Rio Branco/EAD. Tem sete irmãos.

Eu moro na Santa Tecla. Há 20 anos. Nasci e até uns seis anos na Vila Branca. Parada 64 de Gravataí. No primeiro, eu nasci alí até meus seis anos, é um bairro, eu morava num beco, um beco de entrada, só de pedestre, onde tinha um monte de morador. Por ser um beco não [não tinha infraestrutura] era na beira do Arroio Barnabé. Era uma área verde, entendeu? A estrutura que se tinha, tinha alagamento, enchia, era isso, até meus seis anos. Tinha uma relação

mais junta com os moradores, por ser poucas pessoas, né? Tinha uma relação mais junto com os moradores.

Também é um beco, composto por todas as famílias. Todo mundo que mora lá, ou é parente de alguém, entendeu? É composto por relação de família. O filho que foi crescendo vai morando do lado, assim. Pode dizer que é todo mundo unido, mas também desunido. Pra algumas coisas o pessoal é bem unido, mas pra algumas coisas é bem desunido, nessa questão lá. É um beco, a estrutura básica não tem. Não se tem saneamento lá, também por ser considerado uma parte meio rural. Então eletricidade também é clandestina. As empresas de energia não reconhecem lá como endereço. É área verde, pertence ao Estado. Já existia há mais de trinta anos, eu cheguei lá já tavam mais de trinta anos. Em torno de umas cinquenta, sessenta famílias.

Moradia... [silêncio]... Acho que se sentir bem onde que tu tá. Moradia. Bom, eu me lembro até os seis anos era uma moradia tranquila. Eu brincava na rua, os vizinhos conheciam, entendeu? Alí também é tranquilo, eu me sinto bem lá, eu conheço todos os vizinhos, não é aquela proximidade, né? Aquele respeito mais, me sinto bem lá.

Orquídea. Eu falo Projeto Orquídea. Eu chamo sempre Projeto Orquídea. Daí é relativado. Orquídea, o que é Orquídea? Daí eu explico né? Um projeto de habitação, habitação pra pessoas carentes, que são catadores, junto com a Cootracar, um projeto desenvolvido, né? É isso.

Através da Cootracar. Acho que pela questão da moradia, né? Acho que tentar ser diferente do que o governo tenta oferecer pra população, entregar o imóvel mas não da condições primeiras, pra tentar desenvolver o melhor ambiente pra conviver com os moradores.

Não sei se o meu pai vem comigo. Não, mas ele não vem. Ele já tá lá há vinte anos. Ele disse toda vida que de lá ele não sai.

Comunidade pra mim, acho que é a união de várias pessoas, uma comunidade. Eu não conheço muita gente ainda né? Por mais que eu já tenha vindo algumas vezes aqui, não conheço todo mundo entendeu? Então eu não tenho uma visão completa de como vai ser bem exatamente. Mas pelo pouco que eu conheci das pessoas, assim, no convívio que a gente vai tendo, acredito que vai ser um convívio tranquilo. Acho que a gente também vai aprender muito com isso.

Acho que conhecer aqui, ver que é diferente dos outros.

A gente faz uma ideia. De como que eu vou sair daqui pra ir trabalhar. O operativo, como é que eu vou vim. Como é que vai ser o fim de semana. Porque a gente pensa ao longo prazo como é que vai ser. Esse pensamento de como vai ser já vem. Organizar como é que vai ser, o fim de semana. Tudo já tem que se organizar. Pensando eu estudando, será que eu vou fazer outra coisa quando eu me formar. Eu pensei, será que até lá eu não me formo em alguma coisa que eu possa ajudar aqui dentro também? E desenvolver com as crianças? Eu já pensei nisso. Alguma coisa que me interesse que eu possa repassar? Algum curso, alguma coisa? Eu já pensei nisso daí.